

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC-SP

Denio Waldo Cunha

Paternidade nas narrativas de *homens pais*:

Um olhar fenomenológico.

DOUTORADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

São Paulo

2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Denio Waldo Cunha

**Paternidade nas narrativas de *homens pais*:
Um olhar fenomenológico.**

DOUTORADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Tese de Doutorado apresentado à Banca de Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de DOUTOR em Psicologia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob orientação da Profa. Doutora Heloisa Szymanski.

São Paulo

2010

Banca Examinadora

**À Rosangela
e ao Fabio
fundamentais na
minha constituição
como pai**

Agradecimentos

É com uma profunda gratidão que dirijo meus agradecimentos à Profa. Dra. Heloisa Szymanski. Sua delicada forma de orientação, precisa e desafiadora, possibilitou que de nosso encontro pudesse emergir a presente pesquisa.

Aos participantes que no interesse de serem melhores pais se dispuseram a refletir sobre as diversas formas que a paternidade pode se apresentar.

Aos meus colegas de doutorado que contribuíram em muito no debate sobre os caminhos a serem trilhados. A experiência de cursar o doutorado deixou claro que a presença de outros interlocutores é fundamental para instigar e desenvolver o pensar.

Pela importante e esclarecedora colaboração prestada pelas Professoras Doutoras Henriette Tognetti Penha Morato, Maria Alves de Toledo Bruns e Marília Josefina Marino por ocasião do exame de qualificação.

Ao casal Rohrer, Francisco e Paula, pela revisão do texto.

Aos meus queridos pais, Geraldo e Dirce, pelo apoio ofertado durante todo este percurso.

À Rosangela e ao Fabio, por existirem.

À CAPES pelo fornecimento da Bolsa que possibilitou condições econômicas para que a presente investigação se efetivasse.

**(...) Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras, (...)**

Alberto Caeiro. Deste Modo ou Daquele Modo

Resumo

Esta pesquisa teve por objetivo investigar como são narradas as experiências de práticas educativas de *homens pais* em relação a seus filhos, no intuito de se buscar compreender como que se apresenta a apropriação da paternidade por estes pais. Tendo em vista a importância dada ao diálogo no cerne da presente investigação, é propósito também desta pesquisar como os pais compreendem um modo dialógico de ser com seus filhos, e oferecer um espaço de reflexão que possibilite o questionamento de papéis naturalizados que tendam a impossibilitar uma condição mais emancipadora no cotidiano destes *homens pais*. As práticas investigadas são focadas seguindo a perspectiva dialógica presente nos trabalhos de Merleau-Ponty e Paulo Freire segundo o referencial fenomenológico existencial. Caracteriza-se por ser uma pesquisa qualitativa de caráter interventivo.

São raras as pesquisas destinadas a investigar as práticas educativas desta população, uma vez que a produção acadêmica está normalmente destinada ao estudo das práticas educativas de mulheres. Historicamente, a sociedade brasileira não criou espaços destinados ao acolhimento dos *homens pais*, o que tem contribuído para uma desqualificação dos pais no exercício da paternidade.

Foram realizados oito Encontros Reflexivos com duração de cerca de uma hora e meia, nos quais, após uma atividade de aquecimento, foram discutidos temas que previamente propostos. Os Encontros Reflexivos são um desdobramento da proposta de Entrevista Reflexiva desenvolvida por Szymanski, e destinam-se a oferecer um espaço de atenção psicoeducativa no qual há uma valorização do diálogo como modo de reflexão.

Os resultados denunciam a naturalização social do homem como ausente na sua atividade paterna. Esta naturalização tem complicado a assunção da paternidade pelos participantes. Os resultados também mostram que os Encontros tornaram-se sinônimo de espaço de legitimidade dos *homens pais* como protetores e educadores, um local de convocação que foi avidamente correspondido. Portanto, houve uma importante apropriação do ser pai pelos participantes, o que deixa clara a necessidade de se ofertar atenção psicossocial a estes.

A intermediação das mulheres entre os *homens pais* e os filhos mostrou-se fundamental para a constituição paternidade entre os participantes. Entretanto, as esposas apareceram como portadoras de profunda ambiguidade, uma vez que se agarram a uma forma de ser que deixa pouco espaço para que os *homens pais* exercerem a paternidade com mais efetividade.

Palavras Chave: Homens pais, Paternidade, Práticas educativas, Diálogo.

Abstract

This study has the objective to investigate how the experience of educational practices made by male parents regarding their children are narrated as a way to understand how these male parents appropriate themselves of fatherhood. Considering the importance given to the dialogue at the core of this investigation, we also have a purpose to study how parents understand a dialogic way of being with their children, and offer a thinking space that allows for questioning naturalized roles that usually preclude a more emancipatory condition in the everyday life of these male parents. The practices that we investigate are focused according to the dialogical perspective present in the works of Merleau-Ponty and Paulo Freire according to the existential phenomenological referential. This study distinguishes itself for being a qualitative research of interventive kind.

There are few studies investigating the educational practices of this population, since the academic production is usually destined to study the educational practices of women. Historically, Brazilian society did not create spaces destined to accept male parents, which has been contributing to disqualify these parents on the exercise of fatherhood.

We made Eight Reflexive Meetings, each with about one hour and a half long, in which, after a warm-up activity, we've discussed subjects previously proposed. These Reflexive Meetings are a development from the Reflexive Interview proposed by Szymanski and are meant to offer a psychoeducational attention place in which the dialogue is valued as a way of thinking.

The results denounce the social naturalization of the man as absent of his fatherly activity. This naturalization has made the assumption of fatherhood very difficult by these parents. The results also show that the Meetings became a place of legitimacy for male parents as protectors and educators, a place of summoning that was avidly well received. Therefore, an important appropriation of being a father took place for the participants, which makes it clear that they need psychosocial attention.

The intermediation of women between male parents and children was fundamental to constitute fatherhood between the participants. However, the wives appeared to have a deep ambiguity, since they hold themselves to a way of life that leaves little room for male parents to exercise fatherhood more effectively.

Keywords: Male parents, Fatherhood, Educational practices, Dialogue.

Sumário

▪ Trajetória	10
▪ Investigações sobre homens e paternidade	16
▪ As contribuições da abordagem fenomenológica ao estudo das práticas educativas de <i>homens pais</i> .	32
• Práticas Educativas e Diálogo	37
▪ A constituição da situação de pesquisa – caminhos percorridos	42
• Participantes da pesquisa	48
• Encontros reflexivos	49
▪ Os encontros com os <i>homens pais</i>	52
▪ Em direção a compreensão	84
▪ Horizontes de possibilidades de ser pai	105
▪ Referências bibliográficas	114
▪ Bibliografia consultada	127
▪ Anexos: Termo de Consentimento	131

Trajetória

**Tenho um bom espaço no quintal de casa ... e quero
uma árvore ...**

Assim uma árvore já grande com uns três metros ...

Não sei de que espécie....

Todas são tão bonitas, mas estas não têm cores ...

Ah! procuro uma árvore para alegrar nossas vidas...

**Precisa de ter frutos e flores, bem, talvez frutos ou
flores ...**

**Esta possui umas pequenas flores, mas você tem
outros espécimes...**

**Como é difícil decidir sobre algo que vai acompanhar a
minha vida e o crescimento do meu filho ...**

**Afinal gostaria que ele participasse dos cuidados da
árvore ...**

O cuidar a gente aprende cuidando ...

O cuidar a gente aprende ao ser cuidado ...

**Bem se as raízes do Ficus são muito agressivas não
poderei tê-la, pois irão quebrar o meu quintal ...**

**O pé de jabuticaba seria bom, mas este preço não dá
...**

Aquela ali é bem galhada ... mas não dá flores

O Ipê é amarelo? Ah! que pena ...

**Aquela que nós vimos lá atrás, das flores pequenas,
ela tinha algumas coisinhas amarelas vamos vê-
la.**

Ela é bonitinha e colorida, mas o tronco é fininho ...

**Pé de Laranja talvez seja uma boa escolha ... muito
pequeno.**

**Destruímos uma antiga área para fazer um jardim e
um quintal para o garoto brincar.**

**Qual é mesmo o nome daquela árvore do tronco
fininho?**

Pingo-de-ouro !!!

As flores são pequeninas ... delicadas flores roxas.

**Os frutinhas amarelos podem atrair pássaros para o
jardim ... mais vida para a casa.**

És tu o que eu tanto queria!

Às vezes, na vida, me deparei com vários pingos-de-ouro, mas precisei do tempo certo para vê-los.

Minha incursão sobre o universo masculino a princípio pode parecer como algo paradoxal, pois uma pessoa que a tanto se movimenta em campo de atuação no qual prepondera o feminino, teria algo a dizer sobre a masculinidade?

Desde que passei pelo vestibular para o curso de Psicologia em 1985, tenho sido acompanhado principalmente por mulheres nos ambientes por onde circulo. Em 1991, comecei minha carreira acadêmica em Psicologia, sendo notória a grande maioria de mulheres docentes e discentes neste curso, tanto que algumas classes não possuem sequer um representante do sexo masculino. Ao atuar como clínico, minha clientela também era basicamente formada por mulheres. No Hospital Psiquiátrico, na maioria das vezes, atendi, à ala feminina. Portanto, grande parcela de meus interlocutores foi mulher: professora, orientadora, chefe, colega de trabalho, amiga, terapeuta, mãe, irmã ou esposa, com as quais criei vínculos afetivos que se apresentam como referenciais para toda a minha vida.

Entretanto, estou eu aqui tentando escrever sobre homens. Não se trata de uma traição às queridas mulheres, mas sim algo que apareceu a mim, e sobre o qual necessito discorrer.

Tentando responder à questão anteriormente elaborada, tenho alguns pontos que de início me auxiliam. Sou homem e tive também a presença categórica de meu pai, figura paterna de zelo fundamental para o meu desenvolvimento.

Por sua vez, somente isto não basta para compreender minha atração pelo mundo masculino. Sou conhecedor da não assunção da paternidade por uma relevante parcela dos homens, e também de como a má qualidade da paternagem traz grandes sofrimentos, tanto imediatos quanto ao futuro dos filhos.

Em outra perspectiva, venho traçando uma carreira de pesquisador que tem me auxiliado a questionar o socialmente instituído. Tenho me debatido com as naturalizações que impedem o poder ser. Duelo com os conceitos, tanto os meus como os dos outros, sobre o que é isto que nos deparamos no cotidiano, e que ingenuamente chamamos por realidade. Nos meus maiores questionamentos, está presente o lugar do pai nas relações familiares, afinal que instituição é esta que leva o padecimento a todos os envolvidos? Neste sentido, algo que me move é a responsabilidade política pelo mundo em que estou.

Meu interesse pelo tema pais homens não adveio de uma especulação teórica ou filosófica, mas sim em função do meu contato com a dureza com a qual as populações de baixa renda se deparam no prosseguir de suas existências, e também pelo questionamento que tenho realizado dos processos de naturalização que têm justificado a exclusão e o sofrimento das pessoas, ou seja, que tornam natural aquilo que foi uma construção social. Desta forma, a temática que emergiu da presente pesquisa estabeleceu-se em função da singularidade de uma determinada comunidade e do olhar interessado deste pesquisador, ou seja, não estava lá pronto para ser compreendido, como também não foram os dotes do pesquisador que possibilitou tal eclosão, tudo se constituiu junto num mesmo tempo.

Sou aquele que teve a oportunidade de viver com *homens pais* momentos de diálogo sobre educação de filhos. Nada mais tenho do que a felicidade de narrar um pouco do que ouvi e vivenciei com estes. Acredito que seja minha obrigação contar como foram estes Encontros, pois se eu não os contar, eles não mais existirão, pelo menos na forma como os compreendi.

A pretensão de contar como foi realizado este percurso é tarefa árdua, pois apesar de estar presente em minha intencionalidade à propensão ao diálogo como forma de emancipação das pessoas, a caminhada não foi previamente delineada; não havia um roteiro preestabelecido, portanto a narração que se segue é fruto de ações e reflexões que aconteceram diuturnamente frente ao não saber. A complexidade dos acontecimentos será apresentada aqui de maneira cronológica, mas o leitor não se deve furtar a entender a história aqui apresentada como fruto de muitas idas e vindas, que várias vezes podem ser traídas pela memória ou pela forma que se constituiu o pesquisador em suas relações.

No início de 2004 acompanhei a Profa. Dra. Heloisa Szymanski, com o seu grupo de orientandos, a um processo interventivo que vem realizando nos últimos 18 anos em várias instituições educacionais da referida comunidade¹, neste dia em específico o Encontro era destinado aos pais e mães de crianças matriculadas na creche do bairro.

O Encontro propunha-se a discutir as práticas educativas com os pais. Estas intervenções estão dentro de uma proposta psicoeducativa com a qual se busca conhecer os saberes presentes no fazer cotidiano, a fim de auxiliar o

¹ Projeto Participação e Diálogo

desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas que ali se estabelecem.

Assim, antes de entrar em contato especificamente com os *homens pais*, meu primeiro contato dentro da comunidade, muito profícuo aliás, foi basicamente com mulheres, uma vez que a grande maioria dos participantes, os quais eram denominamos genericamente de pais, eram na realidade do sexo feminino, mães, tias, avós, e alguns raros homens que tenderam a se manter calados no transcorrer do Encontro. A ausência masculina também me causou estranheza. Eu também era um dos poucos homens ali, e em alguns momentos tive a impressão de que as mães participantes, ao evitarem contatar comigo, estranharam minha presença.

Historicamente, os Encontros na comunidade sempre tiveram uma boa participação dos moradores da região, mas normalmente a presença de mulheres fora a constante, em detrimento a pequena participação de homens; apenas dois. Portanto, a princípio, a ausência de *homens pais* apresentava-se como um evento de difícil mudança, mesmo havendo por parte das lideranças da comunidade um grande interesse pela participação comunitária dos homens, isto não se concretizava.

Dias depois na supervisão para os orientandos, a ausência de *homens pais* foi colocada como questão para nossa reflexão. Debruçamo-nos sobre a problemática da não participação masculina, e durante os vários debates e questionamentos que fizemos sobre a naturalização da não participação masculina, ousou-se propor um novo Encontro que abrisse um espaço somente para *homens pais*. Para tanto, programou-se a realização de um Encontro na

comunidade apenas com *homens pais* que tivessem filhos matriculados na creche.

Com receio de que novamente houvesse uma baixa participação masculina no Encontro, alguns cuidados foram tomados. Um dos mais importantes, evidencia-se agora, foi estabelecer que somente pesquisadores do sexo masculino coordenariam o Encontro, a fim de criar um espaço somente para homens falarem sobre educação de filhos “*uma conversa de homem para homem*”.

Este cuidado trouxe uma grande dificuldade para a nossa equipe de pesquisadores, não tínhamos homens em número suficiente, necessitávamos de quatro, dentro da Pós Graduação em Psicologia da Educação, o que foi contornado com a inclusão de alunos homens do curso de Graduação em Psicologia que atuaram como observadores. Neste momento, é fundamental apontar que o baixo número de homens em Psicologia possa estar contribuindo para pouca presença da voz masculina como objeto de estudo nas pesquisas em Psicologia.

A história que se seguirá é precisamente a narrativa destes Encontros por meio do olhar de um acadêmico.

Investigações sobre homens e paternidade

Apesar de uma quantidade relativamente pequena de investigações sobre homens no Brasil, existem pesquisas altamente relevantes sobre esta condição, e especificamente, como é do propósito da presente investigação, uma sucinta, mas interessante produção que investiga a temática “homens e paternidade”. Com a intenção de melhor compreender o estado atual dos conhecimentos produzidos até o presente momento, foi realizado um levantamento bibliográfico preliminar.

Este levantamento bibliográfico objetivou principalmente buscar artigos científicos, teses de doutorado, dissertações de mestrado e livros científicos que versassem sobre paternidade e práticas educativas. Foram consultadas as seguintes bases de dados, Scielo², Biblioteca Virtual de Saúde (LILACS)³, Biblioteca USP⁴, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações⁵, Biblioteca PUC⁶.

Frente ao volume de pesquisas encontradas, foram elaborados alguns critérios para seleção. Buscaram-se pesquisas que tratassem do estudo da paternidade em agrupamentos humanos. Deixando fora as pesquisas detinham-se a características tidas como individuais na paternidade, ou seja, não houve interesse em pesquisas que envolvessem explicações clínicas (psicológicas - individuais) ou genéticas para este tema.

Chegou-se então ao número de 48 pesquisas produzidas apenas no Brasil que serão objeto de atenção neste projeto. É fundamental ter clareza de que a

² <http://www.scielo.br/>

³ <http://www.bireme.br/>

⁴ <http://dedalus.usp.br/>

⁵ <http://www.teses.usp.br/>

⁶ <http://lumen.pucsp.br/ALEPH/>

grande maioria destas pesquisas não se utiliza da abordagem fenomenológica, mas auxiliam a vislumbrar a paternidade contemporânea.

Para apresentar o estado atual do conhecimento que estas pesquisas explicitam, optou-se por apresentá-las em sub-grupos. Esta agregação em sub-grupos ocorre em função de similitudes temáticas, amostrais, metodológicas e/ou teóricas entre as mesmas, afim de que, fundamentalmente, auxiliem nos a compreender com alguma clareza o que se está sendo produzido nos últimos anos.

Faz-se necessário salientar que, como na maioria dos agrupamentos, este pode ser objeto de questionamentos em função do que se agrupou e do por que da existência de determinados sub-grupos, mesmo assim aceitou-se correr os riscos inerentes a tal proposta por entender que a mesma contempla os interesses aqui expostos.

Foram estabelecidos sete sub-grupos, os quais foram denominados:

- *1) Pesquisas com pais desertores;*
- *2) Pesquisas que relatam a importância da participação paterna e da transformação pela qual vem passando a paternidade;*
- *3) Pesquisas que relatam a ausência de homens/paternidade como objeto de estudo;*
- *4) Pesquisas que debatem a naturalização da paternidade e/ou discutem a construção social da paternidade;*
- *5) Pesquisas que investigam as representações masculinas sobre paternidade;*
- *6) Pesquisas voltadas ao estudo de paternidade na adolescência; e*
- *7) Pesquisas que investigam vivências paternas.*

Em relação ao sub-grupo 1 *Pesquisas com pais desertores*, se faz necessário esclarecer que preferiu-se utilizar o termo “desertores” para designar os estudos que investigam o universo dos pais que não reconhecem legalmente seus filhos biológicos. O referido sub-grupo se constituiu em função de, durante o acesso aos mecanismos de busca on-line, a maioria das pesquisas e estudos de paternidade estarem vinculados a questões judiciais. Apesar de não ser o ponto de interesse central da presente investigação, é fundamental constatar que o não reconhecimento de paternidade é um tema de prevalência quando o assunto é paternidade, principalmente nas últimas décadas com o advento do exame de DNA para a identificação do pai biológico.

Dentre as várias contribuições sobre esta temática, boa parte destas denunciam um certo lugar paterno, o lugar da ausência. Algumas pesquisas exemplares tentam compreender a deserção paterna. Numa delas, FONSECA (2004), afirma que

“O fato de a maioria dos testes de paternidade serem iniciativa das mulheres leva a crer que são elas que mais se beneficiam da nova tecnologia.” (FONSECA, 2004, p. 15)

Somente é possível compreender a situação atual se olharmos de forma atenta como se deu historicamente o estabelecimento das responsabilidades parentais para com as crianças, ou seja, constituiu-se socialmente que a mulher mãe é aquela destinada a ser cuidadora dos filhos tem sido protagonista.

Ainda dentro deste sub-grupo são exemplares as pesquisa de FONSECA (2004) que discorre sobre a problematização do exame de DNA no

reconhecimento do pai biológico; e de THURLER (2006) que discute o não reconhecimento paterno da paternidade.

Portanto, quando o assunto é paternidade grande parte dos estudos ainda são destinados a discutir o homem em sua não assunção paterna. Desta maneira pode parecer que a tarefa de querer conhecer o que vem a ser a paternidade, surja como algo inconsistente, uma vez que ela tende a se apresentar como ausente, incompleta e defeituosa. No intuito de não ficar amarrado a estes pressupostos, buscou-se prosseguir o levantamento de pesquisas considerando-se apenas as pesquisas sobre paternidade que não estivessem relacionadas a questões legais.

Há também no sub-grupo 2 as *“Pesquisas que relatam a importância da participação paterna e da transformação pela qual vem passando a paternidade”*, referem-se às transformações que veem ocorrendo nas últimas décadas nas diversas características da paternidade. Discorrem a respeito das modificações que têm acontecido na estrutura da família brasileira nas últimas décadas, e o impacto disto na identidade masculina. Expressões como “pai presente” ou “novo pai” são comuns nas pesquisas de MACIEL (1994), UNBEHAUM (2000), GOMES e RESENDE (2004), PICCININI et al (2004), tais investigações relatam a vida de determinados pais e valorizam os que são participantes no convívio familiar e têm disponibilidade sócio-afetivo para com os filhos.

Estas pesquisas têm uma contribuição importante por trazer à luz os aspectos positivos da paternidade, entretanto também carregam veladamente um discurso negativo em relação à paternidade, pois ao se referirem às ditas transformações necessárias para o “novo pai”, apontando para aquilo que

entendem estar erradas no 'pai atual' (LEWIS e DESSEN, 1999). De uma forma geral estas pesquisas valorizam e incentivam estas transformações, entretanto carregam em seu cerne que a paternidade que ali está não é a melhor, que é necessário deixar o antigo, que na essência seria problemático, para ficar com o novo.

O sub-grupo 3 *“Pesquisas que relatam a ausência de homens/paternidade como objeto de estudo”* nos oferece a oportunidade de compreender que a temática homem e paternidade tem sido pouco investigada, principalmente quando se enfoca políticas públicas. Este diminuto interesse pelo estudo da paternidade remete à concepção difundida socialmente, e que parece ter chegado ao meio acadêmico, a de que já se sabe o necessário sobre os *homens pais*. Neste sentido, tanto GOMES (2004) como LYRA e MEDRADO (2000) explicitam a ausência de informações sobre paternidade em estudos demográficos. Já SCHRAIBER, GOMES e COUTO (2005) nos alertam que historicamente há uma representação de masculino vinculada à mortalidade, sexualidade e violência que impera nas pesquisas dentro da área de saúde coletiva, e apenas nos últimos anos, a paternidade tem se tornado um objeto de estudo promissor.

Os autores apresentados até aqui neste sub-grupo nos auxiliam a sair do lugar comum, ao permitir no âmbito acadêmico o emergir de um olhar que se destine à paternidade como um objeto de estudo de relevante valor e ampla complexidade,

Os estudos do sub-grupo 4 *“Pesquisas que debatem a naturalização da paternidade e/ou discutem a construção social da paternidade”* denunciam a

existência de concepções estereotipadas sobre a paternidade que permeiam as relações sociais e explicitam, tanto a masculinidade (SANTOS, 2002) e a paternidade, como construções sociais. Desta forma, entendem a paternidade como um resultante de uma teia de relações no qual a pessoa se insere.

ARILHA SILVA (1999) ao investigar um Programa internacional⁷ que se destinava a contribuir com a população de vários países constatou que o mesmo era essencialmente normativo, o que subsidiava uma visão estereotipada de masculinidade e de paternidade, ou seja, mesmo os programas oficiais tendem a enquadrar o ser homem e a paternidade dentro de modelos que levam a não possibilitar um outro poder ser. Já HENNIGEN e GUARESCHI (2002) apresentam a paternidade como uma construção social que em muitos momentos se naturaliza e impõe a homens e mulheres formas preestabelecidas de ser-com-o-outro. Seus estudos apontam o forte papel da mídia neste processo de naturalização.

O estudo de BRASILEIRO, JABLONSKI e FÉRES-CARNEIRO (2002) relata que as representações de maternidade e paternidade são carregadas de valores de gênero tradicionais, sendo que tais valores também são reforçados no nível institucional, o que impossibilita novas formas de ser e estar entre as pessoas, e impossibilita também de se apreciar a paternidade como um elemento profundamente transformador da vida adulta. Em sua pesquisa, COSTA (2005) explicita que existe uma constante negociação de sentidos de maternidade e paternidade em casais pais adotantes, ou seja, aquilo que se entende por ser pai

⁷ Programa de Ação da Conferência Internacional de População e Desenvolvimento, realizada no Cairo em 1994 sob os auspícios da ONU

e ser mãe se constitui no diálogo entre os diversos interlocutores, o que parece estar de acordo com a obra de FULLER (2000).

No sub-grupo 5 *“Pesquisas que investigam as representações masculinas sobre paternidade”*, estão presentes pesquisas que são um marco essencial à manifestação da voz paterna sobre a paternidade, sendo exemplares as contribuições de CARUSO (1986), TRINDADE (1993), TRINDADE, ANDRADE e SOUZA (1997).

CARVALHO (1989) ao estudar famílias de classe média encontrou elementos do antigo padrão familiar na família atual, o que está em consonância com os resultados da pesquisa de QUADROS (1996), na qual este autor encontrou nas representações de paternidade de homens de classe média de Recife, a concepção de pai como provedor, trabalhador e rígido para com os filhos. Entretanto, nesta pesquisa também ficou notório que apenas os pais eram mais participativos e se consideravam co-responsáveis pelos cuidados dos filhos.

Por sua vez, outras pesquisas que investigaram as representações masculinas, detiveram-se prioritariamente aos aspectos dolorosos da paternidade. É o caso da pesquisa de COSTA (2002) que investiga a representação de paternidade de homens atendidos em um ambulatório de reprodução humana, ou seja, investigou a representação de homens que não conseguiam viver a paternidade de uma forma mais plena. Já YANO, ALVES, SILVA SAGIM (2006) ao investigar como pais com filhos portadores ou não de deficiência física compreendem sua relação com as práticas de cuidado e educação, verificou que os mesmos ainda concebem como sua principal função prover a família.

De uma forma geral, essas pesquisas apontam que mesmo com as transformações nas relações sociais das últimas décadas, em muito, as representações paternas estão vinculadas a um papel tradicional de pai.

O sub-grupo 6 *“Pesquisas voltadas ao estudo de paternidade na adolescência”*, apresenta-se como o fenômeno mais estudado em relação à paternidade desde a década de 90, contendo no total 16 pesquisas. Este fato é digno de nota, pois antes desta década o “pai adolescente” era basicamente uma ausência como objeto de pesquisa.

REIS (1997) investigou a ocultação do tema paternidade, principalmente da paternidade adolescente, em textos científicos, o que também fizeram MEDRADO e LYRA (1999), sendo que estes além de apresentarem a adolescência como uma construção social, alertaram que por muito tempo a gravidez na adolescência foi investigada apenas na perspectiva da jovem mãe ou de seu filho em detrimento a perspectiva paterna, fenômeno confirmado nos levantamentos de LEVANDOWSKI (2001) e CORRÊA E FERRIANI (2006). Por sua vez LYRA (2005, p.1) afirma que há uma “construção social de um ‘não lugar’ atribuído a estes pais pelos próprios levantamentos estatísticos.”. É possível então compreender que houve uma omissão da voz do “pai adolescente” sobre a paternidade, parece ter havido uma naturalização da concepção de que “homem é tudo igual”.

LEVANDOWSKI e PICCININI (2002, 2004 e 2006), dentro de sua perspectiva teórica, contribuem de forma efetiva para romper com a naturalização do que venha a ser a paternidade adolescente, ao constatarem que não houve diferenças significativas na interação pai-bebê quando comparados pais

adolescentes com pais adultos. Assim não seria a idade paterna o determinante para a responsividade do pai em relação ao bebê, e desta forma é exequível pensar em uma rede de relações que possibilita o surgimento do pai como cuidador.

Alguns autores como DIAS e AQUINO (2006) e REIS (2004) se interessaram pelas expressões de pais e mães adolescentes sobre paternidade sendo que TRINDADE e MENANDRO (2002) contribuem ao acrescentar que os pais adolescentes significam o ser pai dentro de um esquema tradicional, ou seja, como aquele que trabalha para prover as necessidades do filho, que educa, dá carinho e atenção. Já a pesquisa de CABRAL (2003) sustenta que a assunção da paternidade pelo adolescente ajuda o jovem na consolidação da imagem de homem maduro, responsável, adulto, e assim tendo a confirmação social de que é alguém que mereça respeito.

Em contraponto ao que foi colocado anteriormente, o artigo de TRINDADE e BRUNS (1999) apresenta que na experiência dos rapazes, a paternidade durante a adolescência é vivida inicialmente de maneira angustiada e conflitante, ou seja, que esta confirmação social é acompanhada de algum sofrimento. TRINDADE e BRUNS (1999) traz uma importante contribuição ao tentar compreender as vivências de pais adolescentes dentro de uma perspectiva fenomenológica, dedicando-se ao que emerge no contato com tais adolescentes. SOANE (2002) e RODRIGUES, SOUZA, GUEDES, MADEIRA (2003) também se dedicaram ao estudo das vivências paternas dos adolescentes dentro desta abordagem.

Ainda que seja um grande avanço terem os adolescentes homens se tornado objeto de estudo para a academia, é crível dizer que a paternidade tenda

a ser investigada mais em seus aspectos negativos do que nos positivos. Paradoxalmente à investigação destes adolescentes, foi uma superação do estágio anterior, no qual estes não eram objeto de estudo, entretanto esta investigação é também a negação da superação, pois a paternidade que tende a ser pesquisa é normalmente aquela compreendida como incompleta, conturbada, problemática e irresponsável.

Os estudos apresentados no sub-grupo 7 “*Pesquisas que investigam vivências paternas*” indagam sobre as vivências de *homens pais* adultos sobre paternidade. Pesquisas que estudam especificamente a vivência paterna de homens adultos foram raras na década de 90, foram encontradas apenas as investigações de MATOS (1995) e a de SCHNEIDER et al (1997). Em contrapartida nos primeiros anos deste novo milênio, os *homens pais* adultos começam a ganhar maior notoriedade, isto parece ser verdade uma vez que foram encontradas ao menos 9 registros de pesquisas entre 2001 e 2007 que versam sobre as vivências desta população.

A pesquisa de CHAVES (2002) que relata o processo de transformação da paternidade nas camadas médias da população investigada, sugere que o modelo paterno expresso pelos participantes não reproduz na íntegra aquele modelo que receberam de seus pais.

FREITAS, COELHO e SILVA (2007) apesar de tentarem compreender a vivência de paternidade em homens cujas esposas estavam sendo acompanhadas no pós-parto, focaram nas dificuldades do processo de apropriação da paternidade. Parece que as autoras adentraram no padrão que

está se mostrando como comum ao se investigar a paternidade: a paternidade como sendo conflituosa.

FARIA (2003) ao investigar um grupo de pais de que procuram uma clínica psicológica a fim de discutir as dificuldades e os conflitos vividos no exercício da paternidade, trouxe algumas contribuições em relação aos aspectos positivos da paternidade. Primeiro por ter criado um espaço para reflexão em grupo, o que é raro na prática das pesquisas realizadas com *homens pais*, uma vez que os pesquisadores propendem a investigá-los individualmente ou em conjunto com outros elementos da família. Outra contribuição foi a de vislumbrar que os pais almejam serem pessoas melhores

“(...) desejosos de uma transformação positiva no relacionamento com seus filhos e uma maior participação no espaço doméstico.” (FARIA 2003, p. 249).

Sua obra ressalta a desqualificação do homem em suas atividades paternas.

“(...) A fala desses pais, porém, também revela seus aspectos inconscientes vividos como sombra – eles cuidam, mas apenas como ajudantes da mulher, pois carregam uma concepção da natureza do ser homem como aquele que tem um espaço privilegiado no social, enquanto a natureza do ser mulher está ligada ao espaço interior e da casa. Revelam, assim, que em seu mundo psicológico os espaços são exclusivos para cada sexo, concretizando, através da projeção, o princípio feminino na mulher e destituindo-se dessa possibilidade”. (FARIA, 2003, p.249-250)

Ao trazer que é no mundo psicológico que os homens se apresentam como *ajudantes* de suas esposas, o autor aparentemente individualiza esta problemática que está relacionada ao processo de desqualificação social dos pais

homens. Neste processo, os pais são apresentados como “*ajudantes*” por serem compreendidos como incompletos e incapazes de exercerem, por si só, os cuidados para com os filhos. A concepção “pai ajudante”, não deve ser somente explicada pela idiossincrasia dos participantes, pois senão corre-se o risco de naturalizá-la.

Por sua vez, BUSTAMANTE e TRAD (2005) realizaram uma interessante pesquisa de cunho etnográfico por meio de observação participante e entrevistas, com 6 famílias de um bairro de subúrbio de Salvador, no qual se propuseram a investigar a participação paterna no cuidado da saúde de crianças. Um aspecto de seus resultados que aqui desperta uma particular importância, é o da existência de um interesse e de um cuidado por parte dos *homens pais* para com as crianças, isto ocorrendo apesar do discurso tanto dos homens como das mulheres continuar menosprezando o fazer paterno “*Homens e mulheres coincidem em dizer que “mãe é mãe”, e pai é “ajudante” (...)*” (BUSTAMANTE e TRAD, 2005, p.1871)

Assim, pode-se dizer que os *homens pais* incorporaram a concepção de *ajudante*, ainda que exerça as mesmas atuações que as mães. Portanto, mãe é mãe, e pai não é pai, uma vez que compreendem o ajudar como algo menor, ou seja, o pai não é suficientemente competente para tanto, mesmo que participe ativamente dos cuidados para com os filhos.

Abordagens fenomenológicas se apresentam, repetidamente, como referenciais para algumas investigações como ABREU (2001) e SETTOM e PAZINATO (2002), uma vez que procuram iluminar a compreensão de como esta se dando o ser pai. TRINDADE (2002) é uma representante desta linhagem que ao investigar homens de meia idade de classe média, deparou-se com várias de

suas facetas, dentre elas a paternidade como faceta fundamental em suas vidas. Segundo a autora, a afetividade presente na preocupação com os filhos foi o principal sentido presente nos discursos investigados, ou seja, filhos têm uma centralidade na vida dos pais pesquisados. Com eles os pais vivem a oportunidade de ampliarem a compreensão de si mesmo e de seu ser pai.

“Quando abordamos as falas desse grupo de homens de maneira geral percebemos que o falar a respeito de como se relacionam com os filhos e quais preocupações permeiam as relações é uma possibilidade recente em termos históricos.” (p.197)
Pensamos que a possibilidade que os homens têm de expressar sua preocupação com o ser de seus filhos, tendo na abertura para o diálogo uma prática cotidiana, evidencia significativa modificação no modo de ser do homem.” (TRINDADE, 2002, p.199)

Neste sentido, parece ser fundamental olhar os homens como eles se apresentam ao nosso olhar e oferecer a estes um espaço para refletir sobre a paternidade.

Além da bibliografia aqui apresentada, é necessário ressaltar que a partir da década de 90, alguns centros de atenção psico-social, que agregaram pesquisadores acadêmicos, dedicaram-se à investigação de homens e paternidade. Exemplo deste interesse é o Instituto PAPAI, com sede em Recife, e o Instituto Noos, do Rio de Janeiro dentre outras iniciativas. Aparentemente, há um ponto em comum em relação a estas instituições. O interesse declarado pelas problemáticas presentes na masculinidade contemporânea seja, em função dos homens, que em muitos momentos, apresentam-se de forma autoritária, violenta e coercitiva em relação à figura feminina, seja em função da paternidade se mostrar incompleta. Tais instituições germinaram também a partir do sofrimento de

mulheres, e, portanto, partiram do ponto de vista feminino para compreender o masculino, isto parece ser verdade como se pode evidenciar nas propostas de atuação das duas instituições:

Fundado em 1997, o Instituto PAPAI é uma ONG feminista, sediada em Recife (Nordeste do Brasil), que desenvolve ações educativas, informativas e políticas junto a homens e jovens em situação de pobreza, bem como estudos e pesquisas sobre gênero e masculinidades, a partir da perspectiva feminista e de gênero, na interface entre a Psicologia Social, Ciências Sociais e Saúde Pública (INSTITUTO PAPAI, 2008)

“A transformação da cultura patriarcal e o alcance da equidade de direitos entre os gêneros e as gerações são objetivos envolvidos neste programa que visa contribuir para a prevenção da violência intrafamiliar.” (INSTITUTO NOOS, 2008)

Assim, constata-se que até mesmo as instituições cujo fim é a prática paterna parecem estar permeadas por pressuposto outros que podem perder o *“pai mesmo”*.

A partir do levantamento bibliográfico apresentado até aqui, é possível sintetizar que a temática homens e masculinidade tendem a ser pouco investigada principalmente nos aspectos relacionados a saúde e educação, só havendo um incremento na última década do século XX. Por sua vez, o recorte paternidade, dentro da temática masculinidade tem um lugar de prevalência entre estes estudos. A paternidade se mostrou como um importante objeto de investigação na área jurídica, e assim a investigação da paternidade ocorre quando o pai não assume o seu lugar, assim pode-se dizer que o objeto de estudo é a ausência da assunção paterna.

Investigar o pai como ausência é algo que tem caracterizado boa parte das pesquisas em psicologia e ciências sociais, por sua vez quando o pai realmente é o objeto, as pesquisas tendem a abordar os aspectos problemáticos do ser pai, como a paternidade na adolescência, por exemplo.

Por outro lado, há um movimento dentro da produção acadêmica que tem questionado sobre a naturalização do fazer e do lugar paterno em nossa sociedade, tal vertente em muito tem contribuído para propiciar outras possibilidades de compreensão sobre o ser pai. Entretanto, de forma geral, é possível afirmar que de todas as pesquisas inventariadas aqui não houve uma sequer que tenha se dedicado nominalmente ao estudo das práticas educativas de *homens pais*.

Entende-se que práticas educativas são desenvolvidas com a pretensão de repassar hábitos, valores, crenças e conhecimentos, julgados importantes para a inserção dos filhos na sociedade. Estas práticas são, em geral, aprendidas por observação e imitação, trata do modo que os diferentes se impactam, e remetem às consequências que isto pode ter em suas vidas. (SZYMANSKI, 2001.)

Assim o estudo das práticas educativas, na relação pai-filho, tem sido basicamente negligenciado. É como se já se houvesse determinado socialmente qual é o lugar masculino na educação e, em decorrência não haveria objeto a ser estudado.

Algumas pesquisas apesar de não se referirem às práticas educativas mostram um interesse em estudar os homens adolescentes como cuidadores. Autores como MEDRADO, LYRA (1999) têm se dedicado a este caminho de pesquisa. Tanto que LYRA afirma:

“Em vários países da América Latina e em outros países do mundo, a concepção e criação dos (as) filhos (as) são ainda experiências atribuídas às mulheres, incluindo, muito discretamente o pai. (...) (LYRA, 2004)

“Neste sentido, em nossa sociedade, os homens são vistos, em geral, como inábeis para o desempenho do cuidado infantil e, em certa medida autorizados culturalmente a não participarem desta seara.” (LYRA, 2004)

Desta forma, pouco se sabe sobre como os *homens pais* compreendem de suas práticas no momento de educar os filhos. Daí, a importância de se desenvolver pesquisas para buscar saber mais sobre a compreensão de paternidade por *homens pais* na contemporaneidade.

As contribuições da abordagem fenomenológica ao estudo das práticas educativas de *homens pais*.

Pretende-se neste tópico apresentar a fenomenologia como um caminho fértil para investigar a temática em questão. Para tanto, é necessário retomar o que foi anteriormente apresentado, ou seja, que a presente pesquisa foca as narrativas de práticas educativas de *homens pais*.

São muitas as possibilidades de contribuição trazidas pela abordagem fenomenológica ao estudo das práticas educativas de *homens pais*. Afinal, a fenomenologia traz um aporte significativo para o aprofundamento da presente pesquisa que versa sobre a atuação de *homens pais* na educação de seus respectivos filhos.

Ao deparar com a temática paternidade e práticas educativas, a fenomenologia se apresenta como uma importante abordagem para a investigação uma vez que proporciona outro olhar sobre o presente tema, um olhar que seja questionador das supostas verdades sobre *homens pais*. Infelizmente, na produção acadêmica são poucos os pesquisadores que têm se dedicado a este enquadre. A partir da década de 90, do século XX, ocorreu um incremento nestas investigações no Brasil, entretanto, observa-se que há espaço para realização de muitas pesquisas sobre paternidade. Isto parece ser mais evidente quando se constata a carência de pesquisas na perspectiva fenomenológica.

Por sua vez, dentro do recorte paternidade, são ainda mais raros os estudos dedicados a investigar as práticas educativas de *homens pais*. Tal ausência é tão significativa que quase nos consegue contaminar com o

pressuposto de que os homens não participam da educação de seus próprios filhos.

Enfim, a ausência de estudos mais aprofundados neste recorte revela tanto o lugar social que é destinado aos homens em nossa sociedade, como também revela que a construção do saber psicológico pode estar colaborando para manter os *homens pais* na posição daquele que não participa das práticas educativas em relação aos filhos. Por este caminho, é possível compreender que a construção de um objeto de estudo é invariavelmente também uma construção social.

Pode-se então inferir que a paternidade possa estar naturalizada, seja no cotidiano das pessoas, seja no universo acadêmico. Compreende-se que pensar algo como natural é tê-lo como sendo maquinal, instintivo, como tendo uma essência própria e imutável. Na produção acadêmica, isto pode estar ocorrendo em função do objeto já estar delimitado por teorias preestabelecidas sobre paternidade, o que deixa pouca liberdade para o pesquisador se deparar com aquilo que se mostra.

Assim, é muito provável que se caia na armadilha de se estabelecer, antes de se deparar com um determinado pai, qual ele é, ou seja, o pesquisador pode carregar consigo uma teoria sobre um pai generalizado. Portanto, o estabelecimento de teorias que delimitem o objeto antes de entrar em contato com o mesmo, é algo que se pretende evitar.

A fenomenologia se propõe como uma atividade que busca se esquivar de teorias sobre aquilo que é designado como realidade, uma vez que compreende a existência de possíveis realidades em função do olhar que a consciência humana possibilita. Portanto, a essência da verdade seria a liberdade.

HUSSERL (2008) agrega a relatividade da verdade ao propor a fenomenologia como método, afirmando que a consciência é sempre intencional, que a consciência possui em si uma intencionalidade, a qual possibilita uma forma específica de compreensão do real, uma tendência a dar sentido àquilo que se mostra. Com uma liberdade poética, é possível dizer que a consciência é sempre *interesseira* e compreensiva, e com isto haverá muitos sentidos para o real, pois tudo o que se manifesta, manifesta-se a um olhar *interesseiro* e compreensivo.

“Uma metodologia fenomenológica deverá cuidar do talhamento de um olhar. Ao mesmo tempo que intenta moldá-lo, deverá ir despidendo-o de um hábito desde há muito invisível.” (CRITELLI, 1996, p. 18)

Com a fenomenologia, tem-se a concepção de que o olhar sobre a realidade é múltiplo, pois esta fala das infindáveis possibilidades do ser. A fenomenologia se insere como abordagem importante dentro do saber no mundo ocidental quando HUSSERL (2008) traz novamente ao debate a discussão entre realidade e verdade. A fenomenologia, com Husserl, torna-se um método que busca os fundamentos para uma ciência rigorosa, assim é possível afirmar que a fenomenologia é um modo de pensar, um modo de pensar a verdade e a realidade.

Na fenomenologia, o interesse se dá pela *coisa mesma*, interessa-se pelo que se encontra irrefletido, ou seja, pelo vivido que está anterior à reflexão. Se entende por ‘coisa mesma’ aquilo que se constitui na relação entre o observador e o observado, ou seja, parte-se do pressuposto que um determinado fenômeno só é possível constituir-se pela aproximação entre o olhar e aquilo que se mostra para poder ser visto. O método fenomenológico se propõe a descrever àquilo que

aparece a quem indaga, um retorno ao mundo prévio a todo o conhecimento adquirido até então. Assim, considera-se que o retorno às coisas mesmas se dá pela abertura ao mundo e aos outros. (MERLEU-PONTY, 1994)

A proposta na presente investigação é de se pensar um homem não essencializado, que se encontra em um continuum poder ser.

“Compartilha-se nas Psicologias Fenomenológicas Existenciais de uma visão do homem não como um ser (aquilo que se manifesta em todos os entes – que é tudo que povoa o mundo) universal, indistinto, mas como um Ser particular, concreto, com vontade e liberdade pessoais, consciente e responsável. Assim, o homem é o único ser que pode interrogar-se acerca de si mesmo, sair de si para projetar a si mesmo. Pode, ele, fazer um projeto de si próprio, realizando-se.” (SALGADO, 2007, s/p)

A fenomenologia se propõe a superar o modo de pensar da metafísica. A metafísica traz em si um pensamento essencialista, no qual há a crença na existência de uma essência, carregada da ideia de uma verdade única, como tão bem nos faz lembrar CRITELLI (1996, p.14 e 15) que “Para a metafísica, o conhecimento é resultado de uma superação da insegurança do existir.(...)”

Com HEIDEGGER (1981) aprendemos que o ontológico é o que traz a possibilidade de algo se mostrar. A verdade não está no ente antes de minha chegada, ela se apresenta à pessoa do pesquisador, que é por sua vez situado historicamente. CRITELLI, (1996, p.25) elucida que *“Na fenomenologia tudo o que é é próprio para ser percebido por alguém.”*

Isto não quer dizer que as teorias sejam nocivas ao desenvolvimento do conhecimento a respeito da paternidade. É verossímil que grandes aportes teóricos como os da psicanálise, do behaviorismo, da proposta sócio-histórica, dentre outros, em muito têm para a compreensão do humano. A fenomenologia

apenas vem se somar nesta busca de compreensão, abrindo mão de teorias, mas procurando oferecer um caminho para uma determinada forma de conhecimento.

Voltando as contribuições da perspectiva fenomenológica, esta pode auxiliar a questionar aquilo que já está dado como certo, uma vez que é um método, uma forma de conhecimento que busca a coisa mesma.

“Esta ontologia fundamental é o caminhar que nos põe na busca de recuperar o esquecido, de enxergar o simples que, em nossa época, através do embotamento provocado pelo universo tecnológico, se tornou uma das tarefas mais difíceis.”
(SPANODIS, 1981, p. XXXX)

Na proposta fenomenológica, a essência da verdade para HEIDEGGER (1981) encontra-se no poder ser, a liberdade de encontrar o ser da entidade, na forma como este se manifesta. Pode-se dizer que é a liberdade permite a chegada à coisa mesma.

Para HEIDEGGER (1981), a constituição do humano é ser-com, o que significa ser constituído junto com o outro. Na perspectiva fenomenológica existencial está implícita a necessidade do outro na minha compreensão de mundo, e assim a ideia da intersubjetividade ganha novo status. Com isto se pode olhar para a paternidade como algo que se constitui na convivência dos homens com os outros homens, com as mulheres, com as crianças, ou seja, no contexto em que está inserido.

A fenomenologia enquanto saber advindo da filosofia tem trazido uma importante contribuição para a realização de pesquisas no âmbito da psicologia da educação ao trazer para o debate a ênfase da constituição do ser-no-mundo. É recorrente em fenomenologia a reafirmação de que somos no mundo e de que a

constituição das consciências está vinculada as trocas intersubjetivas que realizamos no cotidiano.

Práticas Educativas e Diálogo

Este estudo se propôs investigar as narrativas de *homens pais*, em um bairro de baixa renda em São Paulo, buscando compreender as práticas educativas destes em relação aos seus filhos. Para tanto foi basilar entender que práticas educativas são ações e intenções de uma pessoa para com a outra, incluindo o fazer cotidiano, os valores, crenças, saberes, expectativas e projetos. Tal prática envolve o cotidiano e uma intencionalidade que aparecem em ações no dia a dia e que estão repletas de sentidos e mostram como os pais homens interpretam e definem suas atitudes no modo de cuidar de seus filhos. A prática educativa se dá como um modo do pai ser com o filho no mundo e aqui se compreende que o diálogo traz em si maiores possibilidades de dar sentido ao mundo.

A proposta desta pesquisa foi adir um olhar com embasamento fenomenológico sobre as práticas educativas de *homens pais*. Isto se justificou uma vez que a pretensão é de se vislumbrar a *coisa mesma*, que no caso surgiria da compreensão de como são narradas as práticas educativas desta referida população.

A linguagem tem um lugar fundamental dentro das fenomenologias uma vez que ‘as coisas’ só existem se falarmos sobre elas, assim ‘coisa’ e linguagem se constituem mutuamente.

“Em suma, trata-se de compreender o diálogo como o meio através do qual os homens se reconhecem, se compreendem e conjuntamente descobrem, ou melhor, definem aquilo que a realidade é.”(CÔRTEZ e PINTO, 2005)

Por sua vez, MERLEAU-PONTY (2002) alega que pensamento e linguagem estão intimamente constituídos, e isto é mais evidente quando se trata de uma fala original e autêntica. AMATUZZI (1989) auxilia a compreender a proposta merleau-pontyana ao especificar que a fala autêntica é aquela que é surpreende, que é nova, que traz em si o pensamento vivo, interrogante sobre si e o mundo. “(...) Na fala autêntica, *o pensamento está se fazendo no ato de falar* e não apenas se traduzindo externamente.” (AMATUZZI, 1989, p. 27). Uma fala que colabora para se sair daquele lugar que foi instituído socialmente.

Foi pretensão nesta investigação buscar um diálogo que comporte falas autênticas, como nos lembra MERLEU-PONTY que:

“A fala tem o poder de superar ela própria quer se trate de lançar o outro em direção ao que sei e que ele ainda não compreendeu ou de orientar-me eu mesmo em direção ao que vou compreender.” (MERLEU-PONTY, 2002, p. 35)

Buscar um diálogo que possibilite o confronto com o diferente permitindo o emergir de outra compreensão, um diálogo que permita na paternidade o desvelar do cuidado no qual a alteridade esteja presente em relação aos filhos.

“O desenrolar desta fala tem o poder de lançar-me, por minha vez, a uma significação que nem ele nem eu possuíamos.” (MERLEU-PONTY, 2002, p. 38)

No sentido de conseguir uma maior aproximação das falas masculinas as obras de autores como MERLEU-PONTY (2002) E FREIRE (1987 e 2003) têm um papel indispensável no estabelecimento do que se chama de diálogo; o diálogo dentro uma tradição que o propõe como algo que estabeleça uma ponte entre os diferentes.

Ao tratar da educação Paulo Freire compreende que a dialogicidade como uma prática que traz a liberdade para o poder ser, um caminho de emancipação para o humano. “O diálogo é este encontro dos homens, mediados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu.” (FREIRE, 1987, p. 78)

Diálogo, imbuído do poder falar e ser ouvido, de poder possibilitar uma reflexão a todos os envolvidos. Diálogo este que cada vez tem menos espaço em nossa sociedade, pois tal diálogo tende a romper barreiras dos lugares sociais, das hierarquias, das impossibilidades de contato com o diferente. Como nos lembra Freire, um diálogo transformador, emancipador aos envolvidos.

O poder ser sendo emancipador é algo que se almejou, um poder ser diferente do instituído, mas que ao mesmo tempo resgate as vivências dialógicas experienciadas na história de vida destes pais-homens, para que com isto se vislumbre a possibilidade de um contato no qual a dialogicidade esteja mais presente na relação entre pais e filhos.

FREIRE (1987) afirma que nossa humanidade está no pronunciar o mundo, em insurgir-se do emaranhado para participar ativamente da construção do contexto em que se vê inserido. Com isto, o diálogo não se constitui apenas como

um meio para comunicação, mas sim um encontro entre homens que traz em si um caminho para a reflexão crítica, como um ato de criação.

“A existência porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo.” (FREIRE, 1987, p.78)

Neste ponto é possível enxergar uma aproximação entre a concepção de diálogo Freire com a *fala autêntica* a qual se referiu MERLEU-PONTY (2002), entendendo-as como complementares.

A leitura de GUEDES (2007) sobre Paulo Freire nos ajuda a compreender que a dialogicidade traz um comprometimento com o existir das demais pessoas no mundo. No caso presente, tanto do seu próprio existir enquanto pai, como do existir dos filhos, como pessoas dotadas de possibilidades, como pessoas que podem estabelecer sentido às suas próprias vidas, comprometidas com o poder ser.

“A educação, entendida como processo de formação/construção do ser humano, da sociedade, mediatizada pelo mundo, confunde-se e se imbrica com o movimento de construção de liberdades intencionalmente voltadas para o outrem, para o cuidado e compromisso com o outro.” (GUEDES, 2007, p.124)

Com o processo de reificação dos fatos, dos objetos, e dos conceitos há também a reificação das relações sociais, no qual as pessoas são compreendidas como coisas e com isto o humano perder-se como sujeito da própria história. Já com a proposta freiriana

“(...) a educação fundamentada no diálogo implica que todos os que estão engajados nela trabalhem juntos para libertarem-se da opressão, nunca busca incessante por restituir-lhes a humanidade roubada e assim concretizar sua vocação ontológica para *ser mais*.” (LOMAR, 2007, p.31)

Em função do exposto, foi objetivo da presente pesquisa investigar como são narradas as experiências de práticas educativas de *homens pais* em relação a seus filhos, no intuito de se buscar compreender como que se apresenta a apropriação da paternidade por estes pais. Tendo em vista a importância dada ao diálogo no cerne da presente investigação, é propósito também desta pesquisar como os pais compreendem um modo dialógico de ser com seus filhos, e oferecer um espaço de reflexão que possibilite o questionamento de papéis naturalizados que tendam a impossibilitar uma condição mais emancipadora no cotidiano destes *homens pais*.

A constituição da situação de pesquisa – caminhos percorridos

“Estava começando a desenvolver minha explanação durante uma aula, quando a professora se dirigiu a mim e comentou que *fenomenólogo gosta de contar histórias*. Fiquei atordoado. Perdi o fio-da-meada, e demorei alguns instantes para me recompor.”

A situação acima narrada aconteceu durante uma aula na pós-graduação⁸, a estupefação do presente pesquisador se deveu ao menos a dois motivos. O primeiro por ter sido nomeado como fenomenólogo, honraria que trouxe um misto de euforia com temor. Lisonjeado, mas no mesmo momento preocupado com poucos conhecimentos sobre fenomenologia. O segundo motivo se deve ao fato de, com frequência, contar eventos, fatos, enfim histórias para auxiliar o outro a acompanhar o processo de reflexão, mas sem a clareza, até aquele momento, de que isto parecia ser próprio do “pessoal” da fenomenologia.

Uma vez nomeado fenomenólogo, faz-se necessário para a presente pesquisa discorrer da fenomenologia como método.

A fenomenologia é uma forma de produzir conhecimento advindo da filosofia que contribui para as demais áreas do conhecimento humano. Na presente pesquisa, a fenomenologia contribui para iluminar a maneira como o conhecimento está sendo construído em relação à paternidade, portanto o principal foco é o vivido no cotidiano empírico.

O fenômeno, na vertente fenomenológica, constitui-se e é constituído entre sujeito e objeto, portanto a compreensão do pesquisador precisa estar sob

⁸ Seminário Teórico-Metodológico I, ministrado pela Profa. Mitsuko Aparecida Makino Antunes

constante questionamento e levar em consideração que somos sujeitos situados e que a compreensão é perpassada por essa circunstancialidade.

BRUNS (2003) nos auxilia a compreender que historicamente a perspectiva fenomenológica que estrutura-se com HUSSERL, a partir de BRENTANO, no início do século XX como uma forma de conhecimento que se contrapõe ao saber predominante no mundo acadêmico de então, ou seja, ao saber metafísico. HUSSERL evoca o princípio da intencionalidade, afirmando que nossa consciência é sempre *consciência de algo* o que a liga necessariamente ao mundo.

“O princípio da intencionalidade é que a consciência é sempre ‘consciência de alguma coisa’, que ela só é consciência estando dirigida a um objeto (sentido de intentio). Por sua vez, o objeto só pode ser definido em relação à consciência, ele é sempre objeto-para-um-sujeito.” (DARTIGUES, 1998, p. 18)

A intencionalidade está no vivido, e por meio do acesso ao vivido é que vai se desvelando, para nós pesquisadores e para os participantes da pesquisa, a intencionalidade presente no fazer cotidiano. Em pesquisas dentro da abordagem fenomenológica, a fala humana tem um lugar de pleno destaque, pois possibilita narrar o vivido, como diz AMATUZZI:

“(...) Se digo o vivido, aquilo que digo já é o vivido dito, e, portanto composto com palavras. Meu acesso de pesquisador ao vivido se dá, portanto, através de versões dele.” (AMATUZZI, 2003, P. 22)

Como bem assinalou a professora Mitsuko, além de assumir a fenomenologia como postura, assumo também a minha preferência por contar histórias.

Comentar-se-á a partir de agora como se pretende investigar as narrativas e as reflexões dos *homens pais* sobre práticas educativas. Para tanto se faz necessário clarear, que é parte integrante da presente proposta de investigação, ser uma intervenção, ou seja, oferecer uma oportunidade de reflexão numa condição dialógica, com a intenção de que eles possam escrever com mais autonomia seu modo de ser, e identificar práticas educativas recorrentes, vividas e pensadas, incluindo práticas disciplinares, de formação de hábitos, de transmissão de informações e as lúdicas

Na presente pesquisa há uma predileção pelo estudo das narrativas dos participantes. Mas o que são narrativas? De que maneira elas podem auxiliar em pesquisas?

O dicionário HOUAISS (2007) traz algumas acepções sobre narrativa:

“ação, processo ou efeito de narrar; narração. 1 exposição de um acontecimento ou de uma série de acontecimentos mais ou menos encadeados, reais ou imaginários, por meio de palavras ou de imagens. 2 conto, história, caso. 3 o modo de narrar.”

Narrar, de uma forma geral, está amalgamado à ideia de contar algo, de se referir a uma história que um orador apresenta. E neste sentido, é comum se referir a fatos como se fossem independentes do narrador, entretanto existe uma já consolidada tradição, da qual vários estudiosos participaram, na qual as narrativas são entendidas como constituintes tanto daqueles que as produzem como também dos que as ouvem, desta forma é fundamental compreender narrar como algo mais profundo. Para tanto me servirei da magistral obra de BENJAMIN (1996) que apresenta as narrativas por meio de um conto de LESKOV. Narra

LESKOV a história do rei persa Cambises que resolve humilhar o derrotado rei egípcio Psammeit.

“Organizou esse cortejo de modo que o prisioneiro pudesse ver sua filha degradada à condição de criada, indo ao poço com um jarro buscar água. Enquanto todos os egípcios se lamentavam com esse espetáculo. Psammenit ficou silencioso e imóvel, com os olhos no chão; e quando logo em seguida viu seu filho, caminhando no cortejo para ser executado, continuou imóvel. Mas, quando viu um dos seus servidores, um velho miserável, na fila de cativos, golpeou a cabeça com os punhos e mostrou os sinais do mais profundo desespero.” BENJAMIN (1996, p. 204-205)

Este conto deixa seu final em aberto, não explica o que necessariamente desesperou o rei, deixa margem para que o leitor crie sua compreensão, que estabeleça um sentido para o golpear a cabeça com os punhos, que aproxime esta história de sua experiência e assim se aproprie do narrado como algo seu.

Desta forma podemos conceber que o estudo das narrativas surge com uma condição metodológica que se coaduna com a proposta fenomenológica, uma vez que ambas se aproximam das experiências pessoais. Dentro da Psicologia, DUTRA (2002) apresenta a investigação das narrativas como um procedimento apropriado aos estudos das experiências e da dimensão existencial do viver. Assim, a narrativa se tornou ponto nodal para a presente investigação, e a obra de Walter Benjamin tornou-se indispensável.

BENJAMIN (1996) discorre como o mundo capitalista moderno favorece a vivência (Erlebnis) como algo extremamente individual e solitário em prejuízo à *experiência* (Erfahrung). Neste processo o narrar entrou em processo de extinção. O narrar benjaminiano está vinculado à capacidade de transmissão da *experiência* do narrador ao ouvinte, de uma experiência comum que foi vivida pelo

narrante e que traz uma possibilidade de continuidade e de abertura àquele que ouve.

Cada história é o ensejo de uma nova história, que desencadeia outra e mais outra, ao infinito, numa dinâmica ilimitada da memória que é a da constituição do relato, onde cada texto suscita e convoca outros textos, numa representação da destruição do sentido único e da esperança na possibilidade de geração de novos significados. (FERREIRA, 2007)

GAGNEBIN (1996) nos auxilia entender que a não ocorrência destas narrativas, ou seja, da não transmissão da *experiência*, faz com que o coletivo se perca em uma fala que necessite sempre de uma explicação para um acontecimento, em uma fala que não possibilita a abertura nem o estabelecimento da coexistência.

O narrar que aqui interessa é aquele que traz a possibilidade de que, no contato com o outro, a pessoa possa explicitar e elaborar suas próprias concepções, propiciando uma reflexão que permita ultrapassar aquilo que inicialmente ela se propunha apenas apresentar. Nesse sentido, CARVALHO nos faz lembrar que nos primórdios “(...) o homem se encontrava frente a frente como o outro – aprendendo a ouvir, falar e respeitar diferentes percursos de vida: um momento de celebração da convivência” (CARVALHO, 1999, p. 378)

Portanto, oferecer um espaço que auxilie o emergir das narrativas, narrativas estas que são a matéria-prima a partir da qual se buscará desvelar a compreensão de paternidade dos *homens pais*.

Há, também, um interesse nas narrativas emancipadoras (FREIRE, 1987), nas quais os protagonistas consigam se desalojarem e se perceberem como autores de sua vida e responsáveis por sua própria história paterna, parece ser

uma importante realização, principalmente por que “as histórias representam, assim, o resultado de empenhos para dar um sentido à vida, organizando a experiência em sequências temporais, configuradas em relatos coerentes sobre nós mesmos e nosso mundo”. (GRANDESSO, 2000, p. 201).

No contato com os *homens pais*, tornou-se evidente a não existência, até então, de um espaço apropriado para poderem dialogar sobre ser pai, não havia como contar e ouvir histórias sobre paternidade, e isto traz um impacto sobre suas vidas, pois as coisas só existem se falarmos sobre elas, e a paternidade quando é retirada do diálogo masculino, apequena-se.

Há, destarte na presente investigação, um interesse pelo diálogo. O termo diálogo vem historicamente sendo dilapidado dentro de nossa sociedade, levando a uma banalização e a uma descrença no mesmo. Reafirmo que procuro me apoiar em MERLEU-PONTY (2002), E FREIRE (1987 e 2003) para contemplar o diálogo como algo transformador nos contatos humanos.

Nos contatos com os participantes, sempre houve diálogos que se estabeleceram das mais diversas formas. Por vezes, surgiram de maneira mais imperativa, negando a existência e a fala do outro, ou reprodutora de clichês sociais. Entretanto, também houve falas que tratam dos mais profundos questionamentos sobre ser pai na relação com seu filho, houve falas que transformam todos aqueles que as ouvem, que tiram a todos do lugar comum, que nos aproximam do inesperado.

Sempre foi sobre estas falas que mais foram focadas as luzes durante os encontros com os pais. As falas que remetiam a impropriedade ocorreram, mas a estas não foram dedicados esforços. O empenho foi destinado às falas

compreendidas como mais dialógicas e transformadoras daqueles que ali se encontravam.

O trabalho do pesquisador foi de, a partir de todas as narrativas, construir uma nova narrativa somente que agora escrita. A proposta foi então de sair da fala enquanto uma prática social, para ir a outra prática social bem distinta, a escrita. Portanto, houve um caminhar da fala para a escrita. Esta escrita surge da experiência do pesquisador com as narrativas dos *homens pais*, deste modo há algo nelas que traz o engendramento de saberes e falas de todos os que estiveram envolvidos na pesquisa. A escrita traz a possibilidade de fazer perdurar no tempo a narrativa e assim fixá-la, mas mesmo assim não a fixa como uma forma única de compreensão uma vez que a escrita traz também outras possibilidades de compreensão.

“[...] o texto deve poder, tanto do ponto de vista sociológico como psicológico, descontextualizar-se de maneira a deixar-se recontextualizar numa situação nova: é o que faz, precisamente, o ato de ler.” (Ricoeur, 1989, p.119)

Participantes da pesquisa

Participaram desta pesquisa *homens pais* adultos que tinham filhos matriculados em uma creche situada na periferia paulistana. A população desta investigação é caracteristicamente de baixa renda, com idades variando entre 20 e 60 anos. A maioria dos participantes tem o ensino fundamental incompleto, e atuam profissionalmente em tarefas operacionais, com exceção de um pai que tem nível superior completo. Os grupos de *homens pais* se modificavam a cada

Encontro, alguns continuaram, outros saíram, e ainda outros se agregaram no decorrer do processo.

Os Encontros Reflexivos

A pesquisa realizada com os *homens pais* faz parte de uma proposta interventiva, na qual se buscou a criação de um espaço reflexivo sobre a atividade paterna, um espaço que possibilitasse um encontro reflexivo no qual as narrativas pudessem ser construídas. Estas ocasiões nas quais estiveram presentes os participantes e pesquisadores foram designados de *Encontros Reflexivos*.

Preferiu-se o termo Encontro, pois o mesmo se refere ao fato destas confluírem interessadamente para um mesmo local que possibilite a troca e o embate de ideias frente-a-frente, ou seja um momento para se conversar sobre o que normalmente não é conversado, sobre aquilo que fica apenas na ordem do irrefletido. Esses *Encontros Reflexivos* foram se consolidando a partir do próprio fazer no grupo de pesquisa da PUC, mas é inegável afirmar que o mesmo é um desdobramento da prática de Entrevista Reflexiva desenvolvida por SZYMANSKI (2002), e neste sentido é crucial uma retomada desta proposta, para então se poder melhor especificar o Encontro Reflexivo.

Na Entrevista Reflexiva, há uma aproximação da perspectiva fenomenológica ao buscar a coisa mesma, ou seja, propõe-se um momento que seja permeado pela dialogicidade entre pesquisador e pesquisado(s). Vislumbra-se o aflorar de sentidos e significados para que possam ser compreendidos no sentido que aparecem, e que ao mesmo tempo possibilite o pensar, o re-

experenciar estes fenômenos que agora se manifestam. Esta proposta traz em seu cerne o pressuposto de que a reflexão pode levar a novas concepções de si, de seus fazeres e haveres, e do mundo circundante.

SPARTI utiliza a Entrevista Reflexiva coletivamente, pois entende que a:

“(...) entrevista coletiva está apoiada no pressuposto de que todas as participantes sairiam modificadas dessa situação grupal, uma vez que a interação interpessoal proporciona influências mútuas, atuando como um tipo de intervenção e oferecendo condição favorável à reflexão.” (SPARTI, 1995, p.73)

Entretanto, na presente pesquisa não é possível se afirmar que se utilizou Entrevistas Reflexivas, uma vez que as mesmas solicitam que sejam realizadas várias devolutivas aos participantes em diferentes datas, a fim de que os mesmos possam questionar se o que foi dito anteriormente correspondem ao que eles pensam. Os *Encontros Reflexivos* zelam para que para que a reflexão aconteça, todavia em função do longo espaçamento entre um Encontro e outro eles não têm a devolutiva como uma possibilidade real, portanto devolutiva e a reflexão necessitam ser provocadas no aqui e agora sem a possibilidade de devolutiva posterior. Estes Encontros Reflexivos são também uma proposta interventiva que vai ao encontro da praxis freiriana de busca da autonomia e do poder ser aos envolvidos.

Todos os Encontros foram pensados e planejados pela Equipe PUC tendo em vista a singularidade de cada um deles. Para isto, houve sempre um trabalho de reflexão por parte dos pesquisadores, a fim de que o encontro favorecesse o diálogo e o questionamento do como é vivido cada um dos fenômenos aos quais nos detivemos. Foi comum em todos os Encontros a existência de uma primeira

fase de aquecimento a qual serviria de ponte para desenvolver a questão desencadeadora, proveniente da demanda dos próprios pais.

OS ENCONTROS COM OS *HOMENS PAIS*

Encontros e desencontros: *homens pais* e práticas educativas.

Como estratégia para atrair estes homens, as educadoras e o coordenador da creche realizaram também uma insistente divulgação de que haveria um Encontro no domingo (30/05/2004) destinada somente a *homens pais*, no qual estariam presentes apenas pesquisadores do sexo masculino. Encontros de domingo à tarde com homens possuem características singulares: são diferentes. O horário das 14 horas foi propositadamente escolhido, com a duração máxima de duas horas, o que possibilita que os mesmos assistam aos jogos de futebol que se iniciam às 16 horas, e não deixem de participar das reuniões. Nos Encontros na comunidade, era tradição levar bolachas, pães e refrigerantes para os Encontros nos quais participam mães, entretanto é invencioneiro oferecer alguma bebida a estes pais em um domingo à tarde que não seja cerveja, portanto a única bebida presente aos Encontros foi água. Portanto, foi necessário nos atermos ao modo de cuidar do modo de cuidar.

Os objetivos específicos para o, agora designado, *Primeiro Encontro* com os *homens pais* foram: propor uma reflexão sobre o modo como foram educados; entender o que mantiveram e o que mudaram da educação recebida; verificar como acham o melhor modo de educar seus filhos; tentar identificar o que entendem por diálogo; e refletir sobre como os mesmos consideram a sua participação na educação dos filhos. Utilizou-se de um procedimento gráfico, desenho do pai com o filho, como um auxílio para a expressão dos mesmos.

No dia do primeiro Encontro, havia muitas dúvidas sobre a presença dos homens, e mais dúvidas ainda a respeito da participação efetiva deles. Na chegada à creche, para espanto dos pesquisadores, havia 33 homens. Mesmo com todos os questionamentos que havíamos feito sobre a naturalização dos homens como desinteressados na educação dos filhos, em nenhum dos mais delirantes sonhos havia se vislumbrado chegar a este número. Também foi grande a presença e o interesse dos homens em participar dos demais Encontros Reflexivos.

Em virtude dessa alta afluência de *homens pais* ao primeiro Encontro, eles foram divididos em 2 grupos, grupo A com 17, e grupo B com 16 pais. O Encontro se iniciou com os pais se apresentando por meio do relato de seu nome, sua idade, além do nome e idade de seu filho matriculado na creche. Ludicamente, utilizou-se de uma *bola de meia* que ficou em posse daquele que estivesse falando.

Especificamente no grupo A algo inesperado ocorreu. Durante o transcorrer da apresentação, uma jovem mãe, Joelma⁹, com filho de 1 ano e 6 meses ao colo adentrou ao recinto, pegou uma cadeira e se posicionou com o grupo de pais homens. Perante a surpresa de sua presença, foi-lhe feita uma advertência de que o Encontro destinava-se exclusivamente a *homens pais* das crianças matriculadas na creche, ou seja, que ela não poderia participar da reunião. Frente a isto, a referida mãe retrucou:

⁹ Todos os nomes citados são fictícios a fim de proteger a identidade dos participantes.

“Olha, você deixa eu falar uma coisa pra você? Eu, com esse moleque aqui, eu sou pai e mãe, e por isso eu acho que também tenho o direito de ficar.”

Perante o enérgico pronunciamento não houve outra medida a não ser permitir que a mesma participasse. Tal acontecimento foi de suma importância para clarear alguns aspectos das relações entre *homens pais* com as mulheres.

Para retomar a discussão, perguntou-se aos pais, o que eles acharam de ter sido marcado uma reunião somente para eles, e unanimemente concordaram como sendo fundamental.

“Eu acho muito bom. Os pais também têm que participar para o bem dos filhos. Porque eu acho que não podemos deixar somente a responsabilidade somente para as mães. Estou a favor.” (Sálvio)

Após a apresentação de todos, propôs-se a realização de uma atividade de aquecimento. Esta atividade constava de desenhar um pai em tamanho natural em papel pardo e ao mesmo tempo criar uma história para este personagem *homem pai*. A história deste único personagem deveria ser construída/contada por todos os participantes, podendo também, fazer parte da história as características desse personagem, como por exemplo, do que ele gosta/ou não, onde ele está; quais seus pensamentos, dentre outros.

No papel pardo que estava ao chão, um dos homens se deitou e o seu contorno foi demarcado. A partir de então os pais foram agregando elementos ao desenho, e ao mesmo tempo em que contavam a história de cada um destes elementos na vida do personagem.

Vários pais desenharam os mais diversos elementos como uma bola, uma empresa, uma criança segurando na mão do personagem. Todos os elementos desenhados valorizavam a relação entre pai e filho.

A mãe se levantou e disse que iria desenhar alguma coisa. Sentou-se ao lado do papel e fez um desenho relativamente pequeno, que, no entanto, demorou mais de 10 minutos para terminar. Todos ficavam olhando para ela, já que era a única mulher do grupo e apoderou-se do desenho. Quando terminou, disse que tinha desenhado um peixe. Todos ficaram quietos se indagando se aquele desenho seria um peixe, ou alguma outra coisa, já que, como alguns disseram, não fazia muito sentido. A mãe não conseguiu relacionar o desenho do peixe com a figura do personagem e disse:

“Não sei, era para desenhar alguma coisa, eu desenhei um peixe... Pensei em um lago. Seria bonito morar perto de um lago...”

Os demais pais demonstraram-se irritados com a interferência desta mãe na reunião, mas mesmo assim continuaram a participar.

Depois de concluído o desenho, foi solicitado que observassem o desenho e emitissem a sua opinião sobre a obra final dialogando sobre o que foi narrado. Foi papel do pesquisador questionar aos *homens pais* alguns pontos sobre suas vidas, tais como: se aquele personagem/história, tinha ou não a ver com a sua própria história; como eles foram educados; e se o modo como foram educados tem a ver com o modo que eles educam seus filhos.

Um dos participantes afirmou que o seu pai não deu escola, pelo contrário, o tirou da escola para ajudar com o “ganha-pão”. Nesse momento, muitos pais

compartilharam de sua afirmação. E narraram que gostariam de serem melhores pais, como por exemplo, a fala de Cirilo ao se referir às suas filhas:

“Eu espero que vocês [*minhas filhas*] aproveitem o que vocês estão fazendo hoje, porque eu não tive o privilégio de fazer.”

Sucederam-se vários relatos nos quais os participantes tinham vivido bons e maus momentos com seus respectivos pais. Um relato em específico traz a valorização destes homens em relação à educação na vida de seus filhos:

“A verdade é que, na nossa época, nossos pais não se importavam com os nossos estudos” disse um deles. “Qualquer coisa que acontecesse era motivo para ele me tirar da escola e me colocar para vender bala na rua.” (Manoel)

A partir desse momento, a mulher presente no grupo se sobrepôs ao homem que contava de sua vida e começou a relatar a história de sua vida, história na qual ela desqualificava os homens na função de pai.

“Ele só reclama, diz que o filho não é dele, como que eu vou deixar meu filho com ele?” “O problema é que figura de pai qualquer um pode fazer.”

Os pais se mostraram visivelmente impacientes com as denúncias que esta mãe fazia sobre como eram os homens que ela conhecia, entretanto se calaram, e a reunião passou a ser dominada por esta mãe.

“Meu filho com 2 anos fala cada coisa... mas daí eu já bato nele que é pra não dar ousadia pra ele. Ele não xinga, mas ele tiver com fome fica dando tapa no meu rosto.”

Alguns pais se revoltaram com a afirmação da mãe sobre bater no filho, asseverando não concordarem com ela. Foi forte a reação dos pais-homens, e é importante frisar que durante os outros Encontros o bater/não bater voltou a ser tema de discussão.

Na tentativa de retomar o diálogo proposto, apresentou-se para os pais que a paternidade é um grande desafio. Tal afirmativa teve forte ressonância no grupo, com relatos que traziam suas dificuldades de lidar e de compreender as mudanças na educação dos filhos, e revelam a perplexidade diante destas mudanças. Isto fica evidenciado na fala de dois dos participantes:

“Meu pai chegava, cuspiam no chão e mandava a gente ir até o mercado. A gente tinha que voltar antes do cuspe secar. Hoje, a gente fala a mesma coisa pros nossos filhos e eles respondem perguntando porque que a gente não vai. Então é complicado isso, a gente não sabe como reagir a isso.” (Romeu)

“Eu já não estou entendendo mais nada. Você está entrando em horário certo, e de olho aberto e começa a escola [a prescrever] tudo que um pai tem que fazer, o que pode, o que não pode, se você bate tem lei que não permite, então a gente tem que mudar a forma de educar os filhos...” (Souza)

Posteriormente, a mãe, a qual já tinha feito observações que claramente excluía o pai dos cuidados com as crianças, novamente, interfere no diálogo e coloca sua experiência com seu filho afirmando que é necessário bater nas crianças para educá-las, quando um outro pai, extremamente musculoso, argumenta que não pode fazer isto pois:

“(...) se eu bater num moleque de 2, 3 anos eu mato ele, minha filha!”. (Joel)

Outros homens por sua vez relataram que, apenas algumas vezes, batem em seus filhos, o que provocou uma reflexão sobre as consequências da violência para a futura relação entre os pais e filhos.

Próximo ao término da reunião, a mãe se retirou. Os homens-pais ao serem questionados sobre a realização deste primeiro Encontro, disseram que a princípio estranharam, mas que valorizaram o que havia sido vivenciado neste Encontro destinado a homens. Um dos pais afirmou que era importante os homens participarem da educação dos filhos a fim de não deixar a responsabilidade somente para as mães. Os demais pais concordaram, entretanto alguns confessaram que vieram apenas em função da cobrança de suas esposas.

A mãe que participou do Encontro auxiliou na reflexão do lugar do pai na família. Neste caso ela fez observações que claramente denunciavam o pai como um ser ausente dos cuidados educativos para com os filhos, o que mobilizou algo nos participantes, que se viram instigados a afirmar que participavam da educação de seus filhos.

Ao final do Encontro, observou-se a ocorrência de diferentes experiências nos dois grupos. No grupo B, que não teve a invasão feminina, pode-se desvelar mais claramente a preocupação paterna com as práticas educativas. Desta maneira ficou presente para os pesquisadores a necessidade de salvaguardar um espaço de reflexão para os *homens-pais* se aterem às suas práticas educativas. O transcorrer do Encontro possibilitou desvelar a ausência de um lugar para reflexão que seja destinado aos homens com suas especificidades, e ao mesmo tempo, evidenciou-se uma desvalorização por parte das mulheres do papel educador dos homens.

Naquele instante ficou patente que, depois de longos descaminhos, os *pingos de ouro* se fizeram aparecer. Para isto o olhar precisou ser talhado para

reconhecê-los em sua especificidade. O talhamento do olhar ocorreu apenas à custa de muito investimento.

Em função deste primeiro Encontro, ficou certo para todos os pesquisadores envolvidos que tínhamos encontrado um importante recorte de pesquisa. Estabeleceu-se então, que os Encontros com os *homens pais* na creche continuariam ocorrendo semestralmente, além disto, foi criada toda uma sistematização interventiva com o intuito de não opor os homens às mulheres. Desta forma, a Equipe PUC¹⁰ vem realizando a cada semestre três Encontros envolvendo na creche: um apenas com *homens pais*; um apenas com mães; e um terceiro Encontro geral no qual participariam tanto os *homens pais* como também as mães das crianças. Entretanto passados seis anos desde o início da intervenção com os homens, eles continuam se ausentando do Encontro geral, ou seja, nesta circunstância quando as mães surgem como cuidadora os homens se afastam.

Nesta pesquisa será objeto de atenção apenas os oito primeiros Encontros¹¹, nos quais participaram somente os *homens pais*. Com o intuito de auxiliar o leitor a se situar em relação aos diversos Encontros ocorridos foi confeccionada a Tabela 1, em tal tabela se encontra em ordem cronológica todos os Encontros com as temáticas que foram alvo de discussão, para na seqüência poder-se continuar com a narração dos referidos Encontros.

¹⁰ Nome genérico apresentado à comunidade a fim de se referir às intervenções realizadas pela Profa. Heloisa Szymanski com seus orientandos.

¹¹ Foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (T.C.L.E.) para o responsável pela creche, bem como a cada um dos participantes da pesquisa. Segue nos anexos o modelo do T.C.L.E. utilizado.

Tabela 1: Relação dos oito Encontros Reflexivos, datas de realização, e suas respectivas temáticas.

Anos	Encontros	Data de realização	Temática	Atividade de aquecimento
2004	1º Encontro	30/05/04	Paternidade e Educação	Desenhar uma figura de pai em tamanho natural
	2º Encontro	26/09/04	Prevenção do abuso sexual infantil	Formação de um círculo para defender as crianças
2005	3º Encontro	20/03/05	Preocupação com o ambiente agressivo da comunidade	Separação em duplas para definição do tema.
	4º Encontro ¹²	28/08/05	Resgate das vivências positivas ao educar os filhos.	Duplas para discorrer sobre as vivências positivas
2006	5º Encontro	26/03/06	Como cada um pode ajudar na educação dos filhos	Divisão em quatro sub-grupos
	6º Encontro	15/10/06	A criança e suas necessidades	Montar um boneco de uma criança com jornal e cola
2007	7º Encontro	18/03/07	Como dizer não aos filhos	Desenho da silhueta de uma criança sobre papel pardo
	8º Encontro	19/08/07	Como explicar aos filhos a necessidade de ir trabalhar	Diálogo em grupo

O segundo Encontro

Após o impacto do primeiro Encontro, ainda não havia muita clareza dos principais interesses masculinos sobre educação de filhos, por outro lado, possuíamos maiores conhecimentos sobre a realidade das mães, da creche e da

¹² O 4º e o 6º Encontros não serão apresentados na presente investigação pois houve problemas que impediram o seu registro.

comunidade circundante, o que acreditávamos ser, inicialmente, um importante elemento para o trabalho a ser desenvolvido com os homens.

Em outra atividade desenvolvida na comunidade, o Plantão Psicoeducativo, havia uma temática que começou a se repetir e preocupou a Equipe PUC: o abuso sexual infantil.

Desta forma para a realização do *Segundo Encontro* com os *homens pais*, se decidiu trabalhar com o tema Prevenção ao Abuso sexual. O objetivo específico era fomentar uma reflexão sobre o abuso sexual infantil como algo que pode acontecer em qualquer família, e abordar o papel dos *homens pais* nas práticas educativas destinadas à prevenção do abuso sexual de crianças.

Para este tema tão delicado, um cuidado específico norteou o planejamento do Encontro, olhar para o pai como pessoa fundamental na prevenção do abuso sexual infantil, ou seja nas potencialidades dos homens como cuidadores.

Para a realização do Encontro, novamente houve dificuldades em agregar quatro pesquisadores do sexo masculino, agrura que se manteve para todos os Encontros.

No domingo, dia do *Segundo Encontro*, os pesquisadores se perderam no emaranhado de ruelas daquela região e somente por meio de um contato telefônico com a coordenação da creche é que fomos resgatados naquela imensidão que se pareceu inóspita para nós. Este prosaico fato nos ajuda a refletir sobre quem resgata quem no não saber, e que se faz necessário ter muita humildade sobre os supostos saberes que a academia tem sobre populações de baixa renda.

Na chegada à creche havia 25 homens e três mulheres, as quais de pronto se retiraram. O grupo foi dividido e os participantes foram divididos e direcionados a duas salas distintas.

Optou-se em iniciar o Encontro explicando que as famílias sofrem uma série de ameaças no seu dia-a-dia, e que a Secretária da Assistência Social havia solicitado para que conversássemos a respeito de uma ameaça que causa muito sofrimento às pessoas, o abuso sexual infantil. Como aquecimento à discussão foi utilizada um procedimento grupal na qual era solicitado aos homens que formassem um círculo ao redor de fotografias de crianças. Foi informado que tais fotos representavam as crianças da comunidade e que a tarefa dos pais ali presentes era de evitar que um abusador invadisse o círculo. O referido abusador, representado alternadamente por cada um dos homens, estava localizado fora do círculo e sua função era a de invadir o mesmo.

Mal iniciada a atividade, o abusador de plantão adentrou facilmente ao círculo, o que deixou os pais homens estupefatos e na sequência furiosos pela falha. Como revela um posterior comentário de um dos pais.

“A ameaça vem quando a gente menos espera!” (Josevaldo)

Durante o transcorrer do procedimento, a figura do abusador ganhava características outras como, violento, sedutor, traiçoeiro e dissimulado. Entretanto os pais homens, revestidos de vigor e ofendidos em sua vulnerabilidade na situação de jogo, abraçaram-se fortemente e não permitiram mais a entrada da ameaça.

Este tipo de atividade grupal, na qual os homens têm de interagir fisicamente uns com os outros, desde que tomadas às devidas precauções em relação à violência, mostrou-se muito adequada nas intervenções com a população masculina, de uma forma geral os *homens pais* se mostraram lúdicos no decorrer dos Encontros.

Terminada a atividade, e dado o início da discussão sobre o que foi vivenciado, surgiram algumas falas que são reveladoras sobre como os pais compreendiam esta problemática como algo solitário.

“A experiência é boa, mas ninguém ajuda. Se todos olhassem um objetivo só, poderia dar melhor para todo o mundo.”
“Não existe, nem todo mundo ajuda todo mundo.” (Augusto)

A discussão em relação ao abuso como algo que possa ser prevenido foi para eles algo inusitado, uma vez que em seu contexto esta temática não é objeto de atenção no cotidiano masculino. Isto tanto parece ser mais factível quando um pai comenta que os homens não se reúnem para conversarem sobre filhos.

“Só se une quando há um trouxa que paga cerveja.” (Souza)

O grupo concordou que a não união facilita a atuação do abusador.

“ É difícil quando as pessoas não se preparam para se protegerem. Se o pessoal tiver um papo legal.” (Miguel)

Os pais homens se mostraram preocupados com a possibilidade do abuso ocorrer com seus filhos, e que frente a uma situação desta teriam uma reação

extremamente agressiva para com o abusador. No entanto, os participantes se esquivaram em abordar mais profundamente o assunto, ou seja, da possibilidade do abuso dentro de suas casas. Preferiram discorrer sobre as práticas de como educam os filhos, e nisto defendendo formas às vezes mais e às vezes menos violentas de se educar os filhos.

“ Meu filho tinha sete anos e estava empinando uma pipa e disse a ele que caso o encontrasse empinando pipa, daria-lhe uma surra. Após quinze dias, ele voltou a empinar. (...) Dei uma cintada e nunca mais ele empinou. Acho que exagerei na cintada.” (Darci)

A relutância em abordar a temática abuso sexual começou a ficar mais clara no momento em que alguns pais relataram que nesta comunidade, quando da existência de algum abusador, este é linchado, ou seja de que já existiria uma solução para este problema. Chegaram a citar alguns casos que tiveram este final.

“Houve um adolescente que tentou estuprar o filho de outro.”
“ um menino de 14 anos que abusou de uma criança de 11. Não sabemos se houve falta de orientação”
“ Procuro passar, digo a meus filhos para tomarem cuidado com pessoas estranhas. Houve uma garota que assediou-me, ela tinha 13 anos e aparência de mulher. Minha filha de 13 anos não menstruou ainda. Eu conversei com ela. Dessa forma nos defendemos das atrocidades. Moro aqui há 17 anos, houve um pai que abusou da filha e foi linchado. Como expliquei, onde moramos ninguém aceita isso.” (Dorival)

O linchamento para eles tem funcionado como uma forma de não pensar, de se afastar da questão do abuso sexual.

Posteriormente, isto também foi confirmado por representantes da creche, que acrescentaram ainda a existência de casos de linchamentos ocorridos em

função de encenações de supostas vítimas com o intuito de prejudicar determinadas pessoas.

Deste modo, no relato dos pais se desvelou que falar sobre abuso sexual é algo perigoso para os homens daquela comunidade. Que os mesmos são instigados, e até mesmo desafiados, sexualmente pelas adolescentes, tendo dificuldade em não atender as mulheres. Para eles, paradoxalmente, as adolescentes são quase infantis, mas ao mesmo tempo se afirmam como mulheres que solicitam deles um comportamento sexualmente ativo. Relatam como as jovens garotas incitam os homens para contatos sexuais, e como esta situação os deixam em uma posição comprometedora, pois caso atendam a tais encantos podem ser tachados de abusadores, e caso não atendam podem ser questionados sobre a sua masculinidade.

“Fui quase um cara que cometeu um ato abusivo, quando tinha dezenove anos minha esposa tinha 14 anos, mas fui a casa dela e pedi autorização dos pais dela.”

“Se for para denunciar, 70 por cento dos homens serão presos por abuso (...)” (Marcos)

Desta forma, este Encontro propiciou que nos deparássemos com a nossa perplexidade sobre o que abordar nos Encontros com os *homens pais*. O objetivo específico do Encontro foi possibilitar a emergência de temas que os participantes entendessem como necessários de serem debatidos, para a partir destes temas questionar as naturalizações a fim de possibilitar uma compreensão mais reflexiva de sua realidade.

O terceiro Encontro

Frente a este não saber decidiu-se, estrategicamente, por não oferecer uma temática prévia para o *Terceiro Encontro*, e solicitar dos participantes que estabelecessem o assunto a ser posto em discussão no próprio dia.

No domingo, dia do Encontro, apenas sete *homens pais* estavam presentes para darmos início aos trabalhos, os quais valorizaram em muito os Encontros, chegando a afirmar que nestes estão aprendendo a pensar. A expressão indignada de um dos participantes revela tal valorização.

“Deve punir quem não vem para o encontro”. (Souza)

Tal comentário trouxe uma discussão dentro do grupo, com alguns contra e outros a favor da punição, mas uma vez que outros pais chegaram, este assunto se desvaneceu, e ao final estiveram 22 *homens pais* presentes ao Encontro.

Antes de começarmos os trabalhos, resolvemos trancar a porta para evitar que alguma mãe adentrasse ao recinto. Isto funcionou até que um pai ao ouvir uma batida na porta relatou:

“Tem mulher lá!”

A decisão de trancar a porta se mostrou correta, pois duas mulheres tentaram participar do Encontro afirmando que eram pai e mãe de seus filhos. Foi preciso argumentar que o presente Encontro era destinado apenas aos homens-

pais, e que elas deveriam comparecer no dia destinado às reuniões com as mulheres.

Solucionado este problema, foi então utilizada um procedimento grupal para que os participantes conseguissem estabelecer um consenso sobre o tema a ser discutido. A partir disto, os principais assuntos eleitos se referiam à preocupação com ambiente agressivo que cerca as crianças, e também a falta de tempo para educar os filhos em função dos longos períodos de trabalho.

A reflexão se iniciou com o questionamento sobre o espaço destinado ao pai na prática educativa, para tanto se lançou uma usual frase materna normalmente utilizada para atemorizar as crianças “Quando seu pai chegar em casa, você vai ver.”.

Discutiu-se de como esta frase revela um lugar destinado socialmente ao *homem pai* na educação dos filhos, ou seja, o daquele que deve punir, o daquele que deve bater nos filhos para educá-los.

Um dos participantes se espantou e relatou que há alguns dias, quando de sua chegada ao lar, foi questionado pela filha de três anos: “Você vai bater em mim?” a que ele responde automaticamente “Por que vou bater? Você não fez nada para mim.”. E deu o assunto por encerrado. O espanto dele se deve ao fato de não ter refletido no momento da fala da filha, que sua esposa deve ter usado a tal fala com a filha, e como ele é impelido socialmente à agressão física.

Outros participantes relataram que são cobrados pelas esposas a bater nos filhos, porém, corriqueiramente, segundo eles, é a mãe quem mais bate. Argumentaram que compreendem o bater como estratégia para educar, mas que o casal deve conversar para que haja uma melhor educação dos filhos.

Neste momento se faz necessário uma pausa no relato para nos ater a uma evidência recorrente a todos os Encontros, a de que os homens expressam suas dificuldades para com as mulheres, mas tendem a não se queixar de suas esposas. Raros foram os momentos que reclamaram, seja das parceiras conjugais, seja das outras mulheres com quem convivem. Para eles, a mulher domina a educação dentro do lar, mas não tinham clareza de que esta dominação está relacionada, também, a um processo de desqualificação dos *homens pais* em suas práticas educativas.

Ainda neste Encontro muito se discutiu sobre a preocupação deles com o ambiente agressivo que cerca as crianças. A reflexão resultou na compreensão de que quanto mais se agredir/bater uma criança mais ela ficará agressiva, e que, portanto a agressividade dos filhos está relacionada ao ambiente agressivo em que ele vive, como tão bem sintetizou Gerson ao dizer que:

“casa de pai escola de filho”.

Geraldo, um dos homens pai, relatou uma situação que passara em seu local de trabalho. Tomara uma decisão que desagradou seu superior hierárquico, o qual começou a agredi-lo por meio de gritos e ofensas. Frente a isto, Geraldo impediu a agressão e uma consequente retração da chefia, se posicionando com a seguinte argumentação

“Exijo respeito, ninguém pode me tratar desta forma, pois nem meu próprio pai me tratou assim”.

Tal narrativa impactou os demais participantes e possibilitou a discussão sobre o que gostariam para o futuro dos filhos. Por sua vez alguns relataram a

necessidade de imposição sobre os filhos para que os mesmos não sigam o caminho das drogas e da delinquência e para tanto

"Pai e mãe que criam com respeito os filhos, criam filhos que se dão o respeito." (Juvenal)

Em contrapartida outros *homens pais* relacionaram as figuras Pai /patrão para refletir como fica a situação de um filho que sempre apanhou do pai, questionando se tal criança teria medo do patrão ou iria solicitar respeito. O debate possibilitou o questionamento do queriam para os filhos no futuro, se adultos que se submetessem ao outro ou que tivessem condições de se posicionar. Discutiu-se ainda que o contato com agressão traga necessariamente mais agressão, ao mesmo tempo em que produz mais medo nas crianças, impossibilitando-as assim de serem mais assertivas.

"Se bater e violentar, você aniquila a criança." (Almir)

Desta forma se estabeleceu uma conversa sobre a possibilidade de estabelecer limite por meio da palavra, do diálogo. Contudo, ao falar em diálogo eles trouxeram a seguinte preocupação

"Medo que o filho não queira fazer o que eu acho que é bom para ele. O que fazer?" (Alberto)

Ao final deste Encontro, o principal questionamento dos *homens pais* era de como não perder controle e ao mesmo tempo não agredir, ficando evidente para os pesquisadores que é fundamental um aprofundamento sobre os saberes estabelecidos por este grupo e deste ponto destinar uma reflexão.

O quinto Encontro

No planejamento do Encontro, os objetivos levantados foram: levantamento de interesses, buscar definir o que os participantes entendem por ajuda e colocar-se no lugar do outro, ou seja, a pergunta principal deste Encontro era: Como cada um pode ajudar?

O tema foi colocado com o intuito de o grupo fazer uma reflexão sobre seus modos de agir na educação com seus filhos, e como é importante o diálogo na família.

Na creche, como de costume, o Encontro se iniciou com a apresentação de cada pai ali presente. Eram 26 homens reunidos em um único grupo que após a colocação do tema, dividiu-se em dois sub-grupos, nos quais os participantes discutiram e refletiram sobre suas práticas.

Robson, um dos pais presentes, começa afirmando que homem não aceita que outras pessoas contestem seu modo de educar seus filhos. Em sua experiência essas contestações, acabam em briga, a não ser quando estas vierem de homens que são seus amigos. "... ai pode, com jeito, mas pode."

Robson também considera mentiroso o discurso de seus colegas sobre a afirmativa de que homem ajuda em casa.

Por sua vez Otacílio, relatou que aprendeu muito com sua mulher, principalmente a partir do momento que ela começou a trabalhar, e ele desempregado, responsabilizou-se pelos cuidados para com os filhos. Relatou que o modo de cuidar das crianças foi ensinado a ele pela esposa. Afirmou

também que antes era muito machista e que o fato de viver essa experiência trouxe uma maior união familiar.

Doriel narrou que ao ficar em casa ajudando no cuidado com os filhos, este fato ajudou a criar mais amor em sua família. Por outro lado, afirmou haver desarmonia quando sua esposa o desautoriza na forma em que estava educando os filhos, com exceção a intervenção de sua mulher no sentido de não bater na filha.

Clodoaldo relatou que educar um filho não é como campeonato de futebol, uma vez que no campeonato de futebol a regra é a mesma do começo ao fim do campeonato, e na educação dos filhos a regra muda a todo instante, pois a criança muda, e o contexto em que ela está inserida também se altera.

O sétimo Encontro

O tema a ser discutido neste Encontro foi “Como dizer não aos filhos”. Como atividade de aquecimento foi apresentado aos participantes o desenho da silhueta de uma criança. Foi proposto aos pais que a criança representada no desenho acabara de receber *um não de seu pai*. Solicitou-se, então que os participantes pensassem como essa criança se sente frente a um não.

Wagner declarou: *“mas só um não?. ... a gente tem que falar um monte de não!”*

Houve risos generalizados e o ambiente parece se tornou mais acolhedor. Arolca, colocou que dizer não machuca tanto ao pai quanto ao filho.

“É! Machuca o filho e o... ao próprio... próprio pai, né, porque o... se você vem falar não pra um filho é porque ele te pediu alguma coisa, ou não quis concordar alguma coisa com você e você...”

Wagner discorreu sobre a diferença entre o não da mãe e o não do pai.

“Por que a gente, a cada dia que a gente convive com eles, eles tem um respeito muito mais firme com a gente.”

Agnaldo disse que os filhos têm mais respeito pelos pais, já que a mãe seria mais maleável, e o pai é mais severo.

Wagner, asseverou que:

É! É diferente porque o não do pai é mais rígido. É não e pronto. E às vezes o não da mãe é não, mas querendo deixar. Com o meu é assim. O pai é não! O pai é... .

Frente a tais colocações, os pais foram questionados, como é para eles ter de dar um não aos filhos. Nisto Leonardo afirmou:

“Tem que corrigir o filho que tem uma vaidade (que quer ter determinada coisa) que você não pode dar (...), aí você se machuca, porque você não pode dar...”

Ele falou ainda, que, no entanto, haveriam certos tipos de não que você tem que dar para corrigir o filho. Argumentou que a falta de condições de oferecer o que o filho deseja entristece a criança, mas que “depois elas esquecem”.

Ao ser indagado se seria doloroso para o pai tal condição, Luiz respondeu:

“É mais doloroso pro pai do que pro filho (...) Muitas coisas nós queremos fazer, mas não dá”.

Ele citou ainda algumas situações em que seu filho lhe pede coisas materiais e que ele se vê impossibilitado de adquiri-las. Deste modo, Leonardo disse que:

“Por que... muitas coisas, eu garanto que não é só eu, muitas coisas nós queremos fazer, mas a situação da gente... não dá... não dá... Como é que fala mesmo? Não dá sustância, nem dá pra você querer fazer. Eu mesmo queria dar muitas coisas pro meu filho pra ele não sofrer certos tipos de coisas que nós sofremos em serviço, dificuldade de... de você trabalhar, condições, é... o lugar carente que nós moramos, mas, eu mesmo queria uma certa alimentação pro meu filho, dar certas alimentação que as condições não dá e aí você tem que falar – “não vou comprar”. E aí você tem que ser rígido – “eu não vou compra! Eu tô te falando que eu não vou comprar!”. E aí dói em você... dói em você. É isso.

Esse não foi apresentado como sendo dolorido em função das condições materiais, a partir daí foram questionados se haveria outros tipos de não. Agnaldo falou que não é somente em função da criança querer que o pai precise dar, pois há coisas que não deveriam ser dadas.

“Eu mesmo, como pai, não acho normal, não acho que... que uma arma de... de... que simboliza uma arma de fogo, seja, seja adequado pra uma criança.”

A partir deste momento, as narrativas tenderam a se distanciar da prática, frente a isto foi questionado aos participantes se alguém teria dito algum não ao filho naquela manhã. Souza prontamente se pronunciou:

“Já falei um monte!(risos) Ele é terrível! O garoto é terrível. Quer fazer tudo e, né, e não pode. Num pode deixar. Enquanto deixar ele vai fazendo tudo.

Leonardo comentou sobre o não para que o filho não se intrometa na conversa de adultos:

“eu já falei pra você, quando eu estiver conversando com um mais velho, não entre no meio da conversa.”. Esse não é muito importante. Esse é o tipo do não que nós temos que estar sempre ciente, é... com nossos filhos, corrigindo.”

A seguir, pediu-se aos participantes que relatassem um não que tenha sido dado pelos seus pais ou por um algum homem adulto, que foi bom para suas vidas.

Wagner narrou que recebeu um não muito importante da mãe, que consistia na ordem de que ele não chegasse muito tarde em casa aos fins de semana. Ele, embora tenha ressaltado a importância desse não, disse que só chega em casa às 6 horas da manhã, mas fala que, embora este seja um não que não foi acatado, é uma “... boa tentativa”

Otácilio colocou que os não importantes que ele recebeu foram dados pelos seus pais e irmãos, e eram os seguintes: “não a droga, não a violência, não para más companhias e “pessoas erradas”. Afirmou ainda que existem não “...que servem como lição para todos nós”.

Josias foi o próximo a falar e contou como seus pais lhes ensinaram a acordar cedo – o que ele diz com um tom de voz bem animado. *“Agora, hoje eu já faço isso com o Getúlio, meu filho...”*

Wagner retomou o tema abordado anteriormente e diz que “o não do pai é mais firme”.

“Eu acho que é o pai, o não dele é mais firme e isso a criança assim, respeita mais que o do não da mãe. O não da mãe e, da mãe é mais meloso, mais... o pai vai e da-lhe um pau e o filho sabe qual é. É esse mesmo que eu to falando. (...) quando meu pai falava, eu... é eu (...) Ficava ligeiro, já pronto pra correr (...) (risos)

Sálvio, contrapondo-se a Wagner, afirmou que no seu caso, o não de sua esposa para com seu filho seja mais efetivo. E que seu não funciona melhor com sua filha, e que portanto, não é possível generalizar que o não do pai funcione melhor do que o não da mãe.

Sálvio retomou seu discurso, contando como seu filho tem a capacidade de quebrar o seu discurso. Ele encerra sua fala afirmando com largo sorriso que é compartilhado por muitos do grupo: “o moleque é terrível!” – referindo-se a capacidade do filho para fazer com que o pai mude de atitude com relação a ele.

Eu não sei como até hoje eu não consegui entender, que é uma criança às vezes tem o poder de reverter a situação. Às vezes você vai, como eu com o Thiago mesmo, as vezes vou pra cima dele, nervoso, pra dá um tapa, pegar ele pelos braços e colocar ele sentado num lugar, mas ou de fazer aquela manha, dá uma risadinha... aí pronto! (...) Ele reverteu a situação, já aí você deixa ele lá, já quieto. Você já vai com aquela vontade de... pega ele, dá logo uma coça, mas não consegue. Ele reverte a situação.. Dá aquela risadinha, “paizinho”, começa a agitar, aí ó... acabo cedendo. O moleque é terrível.”

Outro pai acrescentou:

Aí quebra as pernas, né!

Apesar de concordarem sobre a dificuldade de dizer não ao filho, os pais asseveraram a importância de se dizer não ao filho.

“Deixa, os pais deixa solto, a vontade, aí se envolveu com gente de má qualidade e acabou... falecendo, né? Aí é o destino dessas pessoas que ficam muito solto. Tem que tá cuidando, sempre tá ciente do que eles tão fazendo, com quem tá andando... A deixa assim... aí é chorar no cemitério.” (Rodrigo)

A partir deste momento, o Encontro com os pais se destinou a refletir sobre os diversos tipos de não, desde os mais negativos até os não considerados como positivos.

Leonardo relatou uma situação na qual entendeu ser um não que não acrescentou nada na vida de seu filho:

“(...) eu não suportava, por exemplo, eu saía pra ir pra igreja com os meus filhos e eles... é, começava a cochilar, né, dormir dentro do ônibus. E aquilo, sem eu prestar atenção, eu não vi que eu tava escravizando o meu filho, escravizando! Por que se a pessoa tá com sono, que ela vai fazer, (vai) dormir. E... teve uma (...) que até hoje, vê só, machuco muito eu falar esse não pro meu filho. “como ele ia dormir em casa se ele tá com sono naquele exato momento? O ignorante é que foi eu! Então esse não, não foi um não certo na minha vida, que eu dei pro meu filho. Eu cheguei e pedi perdão pra ele depois.”

“Como que eu fui errado, ignorante, carrasco, entendeu? Aquilo não foi um bom não, entendeu? Agora, eu saio com ele, ele tem 7 anos e eu só muito... o mesmo que acontecia com o Sálvio, acontecia comigo. Tem hora que eu falo não pro meu filho e tem hora que eu me rendo a ele. Aí, então, eu saio com ele até hoje e vira e mexe, ele começa a dormir, e eu não... aí eu falo “deita aqui, quando tiver chegando perto eu vou te acordar, heim! E aprendi né... esse aí foi um não que não foi certo. Errado, pra mim.”

Leonardo afirmou também que somente se apercebeu que seu comportamento foi inadequado com o filho, depois de ver uma situação similar, em que outro pai não deixava a criança dormir. Leonardo disse ter se arrependido, pois se sentiu como se “estivesse escravizando” seus filhos.

Em outro momento Leonardo trouxe para discussão, o “não mentiroso”, em que os pais mentiriam para criança como forma de impedi-la de fazer o que querem. Ele refletiu e disse que é importante que o pai diga não, mas diga a verdade, pois do contrário sua autoridade será reduzida, pois a criança irá reconhecê-lo como mentiroso.

Josias colocou outra situação, que mostra a dificuldade de explicar os assuntos de forma que a criança possa compreender. Com o que Agnaldo concorda:

“O difícil é você explicar por que o não, né? Sempre as crianças querem explicação né?”

Ao final do Encontro solicitou-se aos participantes que apresentassem aquela que eles entenderiam ser a “regra de ouro” para a educação de seus filhos.

Houve um breve silêncio até que Wagner se manifestou, afirmando que para ele não brigar é fundamental, pois caso contrário a criança crescerá violenta.

Agnaldo se colocou a seguir e disse que a regra mais importante pra ele é não desperdiçar. Ele diz que o desperdício é esbanjar seu esforço, além de estragar o meio ambiente.

Para Leonardo, o mais importante é não permitir que seus filhos recebam coisas de estranhos. Ele argumentou que há a possibilidade das pessoas estarem tentando comprar seus filhos e os expondo ao abuso sexual infantil, já que não se sabe as intenções de um estranho.

“Eu também, que tenho filho por exemplo, se minha filha ou filho ganha algo de uma pessoa, que eu não tiver presente, eu falo: “não vai ficar ! Vai devolver!” Porque eu acho, no meu ponto de vista, que se ele não reconhece a pessoa, jamais ele pode aceitar alguma coisa dele, porque não sabemos a intenção de quem a gente não conhece, entendeu? Ele pode, um dia dar um doce, outro dia, ele pode dá um cigarro, outro dia ele pode dar outras coisas, que não convém falar... Isso aí, eu não aceito! Se eu não souber, se eu não conhecer, eu falo: “pode devolver!”, pra ela nunca mais aceitar coisas de pessoas estranhas que ela não conhece.” (Leonardo)

O oitavo Encontro

Este encontro teve como tema “Como explicar aos filhos do porquê os pais homens precisam ir trabalhar”. Esta temática foi abordada em função da solicitação dos participantes no Encontro anterior uma vez que segundo eles devido às longas jornadas de trabalho têm pouco tempo para ficar com seus filhos. As perguntas reflexivas foram: O tempo do trabalho é o único que tem para ficar com o filho? Quais os momentos legais que eles já passaram com os próprios pais? Nestes momentos bons, o que os pais faziam com eles? Mesmo com trabalho, que coisas o homem pode fazer com os filhos e que eles, pai e filho, possam gostar?

Antes do início deste Encontro, houve uma conversa descontraída com o Sr. Agnaldo, uma vez que ficou incumbido de nos receber e abrir as portas da creche. Com cerca de 60 anos, separado da esposa, atua em atividade operacional, e é pai de cinco filhas. Sr. Agnaldo revela que criou suas cinco filhas sem a ajuda da sua esposa que foi embora quando as crianças eram pequenas, deixando-o sozinho com a responsabilidade de criá-las. Apesar das dificuldades encontradas, Agnaldo afirma que nunca pensou em abdicar da responsabilidade afirmando que

“Quem abandona criança, não ama nem a si mesmo!”

Quando foi questionado a respeito da atenção dispensada para com a dupla função, ou seja, de educar e sustentar a família, ele afirmou que a princípio se

ocupava muito em como prover o necessário para a família, mas que após algum tempo, pode perceber que sua presença se fazia necessária para a família.

“Tem que pensar que criança é criança por pouco tempo, né? Depois passa, e se a gente não aproveitar... a gente tem que aproveitar”.

Ele contou que abdicou das suas atividades profissionais de fim de semana, com a finalidade de dedicar ao menos esses dois dias para dar atenção para as filhas.

Já do Encontro em si, participaram sete homens-pais. Após as apresentações, propôs-se que os presentes contassem aos demais suas experiências em explicar aos filhos a necessidade de trabalhar.

Marcos, um jovem pai, toma a palavra e conta como é difícil convencer a criança da necessidade de deixá-la para ir ao trabalho, narrou uma situação pela qual passou recentemente, na qual teve que explicar para a filha que não poderia comparecer a uma festa do dia dos pais.

“Mas não dá filha, eu tenho que trabalhar! Mas não, eu quero que você vá pai, eu quero que você vá! Mas não dá filha! Ai... é embaçado! (risos) “mas porque que você vai trabalhar? Fala pra não sei quem que você não vai! Mas não dá filha! (risos) Isso aconteceu comigo aí, ó! Quando foi o que? 5ª feira. A minha filha falou demais comigo: Pai vai ter a festinha amanhã. Vai lá! Eu quero que você vá! Mais não dá filha, não dá pra mim. É que eu tenho que ir trabalhar filha. Não vai dá pra mim ir! (...). É complicado.

Tendo em vista a narrativa de Marcos, Wesley, também um jovem pai, relatou que é necessário cumprir as promessas feitas às crianças, dizendo que:

“... se você fala uma coisa e não cumprir, mano, carrega esse fardo toda a vida, mano.”

Marcos disse que mudar o assunto a ser discutido com a criança, facilita sua saída de casa. Afirmou utilizar desta estratégia devido a sua filha não entender que ele precisa trabalhar para sustentá-la.

“.... é fazer a criança se entreter com outras coisas”.

Wesley, contou que utiliza de meios de “negociação”, emprega guloseimas como para conquistar a aceitação de seu filho.

“Aí ele já, aí ele vai vendo: “ 1,2,3,4... tudo isso? Tudo tudo é meu pai?”. “É tudo seu filho”. “Então... então tá bom pai, então, você pode ir” (risos). Esse é o jeito, se não, não dá não... . É embaçado.”

Josué expressou que, em sua experiência, é necessário explicar em detalhes tudo o que vai acontecer.

“(...) Meu filho sempre pergunta: pai, você vai trabalhar pai? Vou filho. E eu vou ficar com quem? Você vai ficar com a sua mãe. E amanhã o que o Sr. vai fazer? Tem que ficar explicando até ele entender, contar as coisas. Aí ele esquece e no outro dia pergunta de novo.”

Marcos, ao tomar novamente a palavra, relatou que o problema se deve em grande parte, porque as crianças não entendem e acreditam muito no que os pais dizem. Conta que tenta deixar claro para a filha que há a necessidade do trabalho, pois esta é a razão de orgulho do homem: ajudar a família provendo a renda para o lar.

Em um momento posterior, Sr. Agnaldo narrou que saía de casa às 04h15min da madrugada, e as filhas não o viam sair para trabalhar, contou que se dedicava todos os dias ao trabalho, sem exceções. Entretanto, apercebeu-se da necessidade de ficar com os filhos, pois eram crianças e precisavam mais do pai. Acrescentou, que mesmo quando trabalhava de “segunda a segunda”, as filhas não ficavam sozinhas, mas com alguém pago para tomar conta das crianças. Disse que atualmente isso não é mais necessário, pois as filhas já estão grandes e umas tomam conta das outras. Agnaldo declarou ainda que ao perceber que as filhas precisavam de sua presença, organizou-se para ficar pelo menos o fim de semana com as filhas.

Marcos ressaltou a importância da creche para que a criança se entretenha com outras atividades e não se prenda tanto à ausência do pai.

Wesley afirmou que em função do trabalho, o seu único tempo é no Domingo, ou na segunda e terça-feiras, ocasiões em que chega mais cedo. Os demais homens-pais também relatam o escasso tempo que dispõem para estar com seus filhos.

Agnaldo contou que também disponibiliza a noite e os fins de semana, e como suas filhas têm mais idade ficam acordadas vendo a televisão, o que lhe confere algum tempo com elas. Ele relatou que instituiu que cada uma deve fazer o café da manhã por um dia a cada semana, e com isto pode ficar mais com cada uma das filhas.

Ao se propor uma reflexão sobre os momentos para estarem com os filhos, Marcos asseverou que seus horários dificultam ver a filha, chegando a ficar dois dias na semana sem vê-la. Entretanto, este participante relatou como é bom ser recebido pela filha com atenção e carinho após um dia estafante no trabalho.

Os demais pais passaram a relatar os momentos e as brincadeiras com as quais se divertem com os seus filhos, e como isto era algo bom no “ser pai”.

Na sequência, surgiu em paralelo uma discussão entre os pais presentes, e em função de sua inusitabilidade, optou-se por transcrevê-la na íntegra:

“Josué: A minha filha, mesmo, quando as vezes, a noite, assim, que tem muito frio, que ela dorme. Ataca a tosse nela, assim, eu dormia assim, ó. Aí ela começa a tossir... aí ela acorda. A chupeta, se a chupeta cai ela começa a chorar (que ela dorme de chupeta). Aí eu olho, olho ela começa a chorar e a mãe ela tá dormindo. A mãe dela nem, nem, nem acorda pra olhar a chupeta. Eu que levanto, dou a chupeta pra menina, cubro ela, e a mãe tá dormindo lá. Aí eu fico com uma raiva desgraçada. A cara nem vê a menina tossindo de noite. Sono pesado, e eu , e eu não, eu...?
Fred: É que geralmente o pai não agüenta ver o filho chorar.
Everton: A eu não agüento não...
Fred: A mãe ainda...?
Josué - A mãe dorme lá...
Everton - Você vê chorando. Você já vai lá. Já que... eu não agüento, não sei. A mãe já, já... Sei lá se acostuma, ô... já fala logo que é manha (...)
Josué - O pai tem mais cuidado, né?

O inusitado se refere ao fato dos pais reclamarem de suas esposas, uma vez que em nenhum dos demais Encontros anteriores houve qualquer reclamação a respeito de suas parceiras conjugais, assim, os *homens pais* quando se reuniram tenderam a não reclamar das mulheres. Além disto, neste relato eles se apresentam como cuidadores. Tanto que por vezes tinham a compreensão de que eram melhores cuidadores de que suas esposas.

No prosseguimento do Encontro, foi solicitado aos participantes que relatassem os momentos bons que eles já haviam passado com seus próprios pais, a fim de que tais lembranças pudessem ser resgatadas e auxiliassem na reflexão sobre ser pai.

Marcos retomou a palavra, após um curto período de silêncio. Conta que mesmo seu pai tendo falecido, lembra-se de uma viagem que fez apenas com ele, para o Rio de Janeiro. Lá fizeram um longo passeio de bicicleta, no qual o pai o conduziu aos locais onde viveu “...contando suas raízes”.

Wesley revelou que o avô lhe é uma pessoa muito importante. Contou que no momento em que ele esteve “(...) privado de sua liberdade (...)”, este avô o procurou e se colocou ao seu lado sem julgá-lo, e apenas se dedicando em ajudá-lo.

Quando solicitado como foi a experiência deste Encontro para eles, algumas respostas evidenciaram o impacto da reflexão em suas vidas.

Josué: Aproveitar o tempo que tem, né? Acho que , isso é algo que tem... importante.

Marcos: Nem que for um tempo mínimo, né mano, mas que faça valer a pena, né, esse pouco tempo que você tem, né?

Wesley: Eu aprendi... eu só aprendi, né? Porque eu sou o pai mais novo, então... de todo mundo que tá dando aí, eu vou tá... tá levando comigo aí, pá tá melhorando (...) firme? Então, pra isso que tem o aprendizado e vou sempre tá revendo... sempre, né? Porque todas as reunião que eu venho aqui, eu aprendo uma coisa. O que falam aqui, eu... eu (...). Então, isso é muito bom. E eu só tenho só a ganhar, né?

Everton: Eu também, vendo todo mundo lá (...) com as crianças, brincando e tal... eu não sou o único, então, eu vou continuar.

EM DIREÇÃO À COMPREENSÃO

Análise dos Encontros

Constelações encontradas no 1º Encontro:

- *Valorização e a não valorização do Encontro;*
- *Uma mulher no lugar destinado aos homens;*
- *Reclamações sobre os homens;*
- *A responsabilidade de ser pai; e*
- *A experiência dos homens pais com seus respectivos pais.*

Neste primeiro Encontro houve manifestações referentes à **valorização e a não valorização do Encontro**. Sálvio relatou que o Encontro foi importante uma vez que os pais têm que participar da educação dos filhos, e não deixar a responsabilidade somente para as mães. Um participante, em concordância com Sálvio, relatou que em outras reuniões nas quais há a presença das mães, os homens tendem a não falar. Por outro lado, outros, apesar de compreenderem a importância do Encontro, relataram que seu comparecimento se deveu a força de persuasão de suas esposas para participar mais ativamente da educação dos filhos.

A presença de **uma mulher no lugar destinado aos homens** trouxe uma significativa contribuição à compreensão sobre as diferentes formas de ser pai ou mãe nesta comunidade. A participante ao adentrar de maneira indolente e asseverando que teria direito de participar do Encontro, em função de viver na

condição de ser pai e mãe de seu filho, traz consigo a denúncia de que não é comum os homens se reunirem para conversar sobre educação de filhos, e mais ainda, que este lugar deva ser destinado às mulheres. Durante o início das atividades, quando Joelma começou lentamente a desenhar a figura de um peixe, esta ação teve o efeito de monopolizar a atenção de todos, uma vez que tal desenho não tinha vínculo aparente com os propósitos do Encontro. Tal postura também impediu, por algum tempo, que os pais participassem ativamente do Encontro, isto ajuda a refletir como os *homens pais* precisam superar os lugares sociais preestabelecidos para poderem ser além daquilo que o processo de naturalização determinou.

Joelma também contribuiu ao fazer várias **reclamações sobre os homens**, ressaltando que o papel de 'pai' qualquer um pode fazer, e que mesmo assim os homens não querem esta responsabilidade. Crítica a forma com que seu ex-parceiro lida com o seu filho, e relatou não deixar seu filho com o pai biológico, por ele afirmar que o filho não é dele. A participante relatou que na sua infância não havia diálogo, tanto que fora agredida inúmeras vezes por sua mãe, da qual sempre acatava as ordens. Agora na condição de pai e mãe quer que não falte nada a seu filho.

Vários foram os relatos nos quais os pais tecem as **dificuldades em educar os filhos**. Donato pai disse bater na filha para que ela saiba que ele deseja o melhor para ela, e que não consegue pensar em alternativas outras a não ser bater. Relatou que apanhou de seu padrasto e isto fez com que ele reconhecesse o valor das coisas no mundo, enquanto seu irmão que não apanhou se tornou um

vagabundo, portanto bate na filha para que não ocorra com ela o mesmo que aconteceu com seu irmão.

Joelma afirmou que quando era pequena ficava machucada de apanhar, e que seu filho também deve receber o mesmo, bate em seu filho de 2 anos a fim de não permitir que ele agrida a avó. Em discussão com Joelma, Leandro chegou a afirmar que este não terá autoridade se bater em seu filho.

“Mas se eu bater num moleque de 2, 3 anos eu mato ele, minha filha”

Josué disse não saber mais o que fazer para educar, pois a escola afirmou que existem leis que proíbem bater nos seus cinco filhos, e que isto não era um problema na época da disciplina rígida de seus pais. Já Sálvio relatou que em sua infância aceitava as regras de seu pai por medo das ações corretivas, e que hoje seus filhos não aceitam sua imposição. Diz que com isto, também não saber o que fazer para educar.

“Eu só bato, quando é preciso”

Ao se discutir sobre **a responsabilidade de ser pai**, alguns participantes relataram a preocupação de sustentar economicamente os filhos, isto se mostra como uma grande preocupação quando um dos pais relata que procura oportunizar para que o filho brinque de futebol, pois no futuro esta pode ser sua profissão.

Josevaldo ao afirmar que a infância é um período marcante para as crianças, entende que aquilo que o pai passar para o filho, o acompanhará pelo

resto da vida. Já Otamiro relatou que apesar de seus pais serem um referencial, acredita que os homens querem sempre ser melhores do que seus pais foram, uma vez que estes não participaram da sua educação escolar. Afirma que uma criança é um ser de possibilidades e que educar é um desafio aos homens.

Josuel relatou que em sua infância trabalhou muito na agricultura, e que seu pai não propiciou condições para que estudasse. Para ele, a infância marca a pessoa até seu último dia de vida, em função disto faz questão de levar o filho todos os dias à creche.

Por sua vez, outros pais relataram ser necessário se preocupar e se responsabilizar pela escolarização de seus filhos, além disto, dois pais também expressaram ser necessário acompanhar o filho no caminho para a escola, pois temem a exposição às drogas.

Com o intento de saber **a experiência dos homens pais com seus respectivos pais**, a presente constelação de mostrou profícua. Um dos participantes relatou que em sua época os pais não se preocupavam em dar estudos aos filhos. Cirilo afirmou que seu pai não lhe deu condições para estudar, e ainda o tirou da escola para trabalhar, fazendo com que lutasse sozinho pela vida. Disse que a partir dessa experiência procura agir diferentemente com suas filhas. Tal vivência também foi confirmada pelos demais participantes.

Agnaldo disse que apesar não ter tido maiores contatos com o pai, que morreu quando tinha 12 anos, tem-no como um bom amigo que usava de premiações para incentivá-lo na escola. Genivaldo por sua vez confirmou que seu pai também não o levou à escola, mas que teve a oportunidade de jogar futebol com ele.

Contrariando os relatos anteriores, José expressou que em termos financeiros quer dar em dobro o que recebeu do pai. Acredita que as condições de criar os filhos estão melhorando a cada dia que passa e que, portanto seu neto será rico.

Constelações encontradas no 2º Encontro:

- ***A prevenção ao abuso como algo essencialmente individual;***
- ***O abuso como algo que deva ser punido com a morte;***
- ***A provocação sexual exercida pelas garotas; e***
- ***As dificuldades de educar sem bater.***

A prevenção ao abuso como algo essencialmente individual foi um dos aspectos mais relevantes deste segundo Encontro, um participante relatou que foi uma boa experiência coletiva, mas na prática ninguém ajuda na prevenção do abuso sexual. Dois outros participantes expressaram que, em função da falta de experiência coletiva, as pessoas tendem a se proteger individualmente. Houve também relatos afirmando que as pessoas não se unem contra o abuso sexual infantil. Que a prevenção se dá apenas dentro da família.

Sálvio expressou que a conversa sobre abuso sexual infantil nunca surgiria espontaneamente em grupo de pais homens, pois para ele os homens só se reúnem quando alguém paga cerveja. Valorizou este Encontro, pois entendeu que somente assim o tema pode ser discutido.

O abuso como algo que deva ser punido com a morte foi um aspecto apresentado com muita vivacidade pelos pais homens da creche, houve relatos sobre diversas situações em que ao se descobrir um abusador sexual este foi

morto pelos próprios moradores do local. Alguns participantes, angustiadamente, relataram que fariam uma loucura caso alguém abusasse sexualmente de seus filhos.

Diógenes relatou ter uma filha de 13 anos e afirma alertar seus filhos para tomar cuidado com estranhos. Narrou ainda que um pai que abusou da filha e foi linchado.

Dorival conta que foi assediado por uma garota de 13 anos, mas que possuía a aparência de uma mulher adulta. Disse ficar perplexo e preocupado, pois caso tivesse alguma aproximação com esta garota poderia ser compreendido como abusador e linchado pelas pessoas da comunidade. Segundo ele, é necessário os homens se defenderem destas situações.

Na constelação **a provocação sexual exercida pelas garotas**, estão presentes relatos que surgiram em decorrência da reflexão do que vem a ser um abuso sexual infantil. Um dos participantes relatou que as garotas da comunidade provocam sexualmente os homens. Já Maurício afirmou que as adolescentes não só provocam, mas também procuram sexualmente os homens, e que isto o fez pensar em sua filha, deixando-o atormentado. Outro participante, concordando com Maurício, narrou que na sua atividade como porteiro foi inquirido por algumas adolescentes moradoras do prédio, que queriam insistentemente saber o número de telefone do proprietário de uma moto Harley Davidson.

Marcos argumentou que é difícil estabelecer um abuso sexual quando se trata de adolescentes. Relatou que, aos 19 anos, começou a namorar sua atual esposa quando esta tinha ainda 14 anos, e que neste caso quase poderia ser considerado como alguém que cometeu um ato abusivo. Portanto, para ele é

necessário maiores cuidados para definir um abuso sexual, pois caso contrário 70% dos homens seriam presos.

O Encontro tornou-se sinônimo de espaço de legitimidade dos *homens pais* como protetores e educadores, um espaço de convocação que foi avidamente correspondido. Durante o transcorrer deste segundo Encontro, após afirmarem que na comunidade o abuso sexual era punido com a morte do abusador, os participantes se ativeram basicamente **às dificuldades de educar sem bater**. Alguns participantes defenderam ativamente o não bater nos seus filhos, como foi o relato de Miguel em que afirma nunca ter ‘levantado a mão’ para sua filha. Por sua vez outro participante explica que o pai tem que se educar para ser um exemplo, e conta que nunca bateu nos filhos, assegurando que apenas, deu palmadas neles.

Foi também narrado histórias que defendiam o não bater nos filhos. Em uma delas, um pai afirmou que já chegou a intervir em uma situação no qual adultos batiam em crianças. Outra história se referia a um pai que de tanto espancar seu filho de 10 anos acabou por matá-lo.

Por outro lado, também se tornou evidente a dificuldade que os pais experenciam para educar sem bater. Um dos pais relatou que as pessoas não estão preparadas para educar sem bater. Vanderval afirmou vivenciar a referida dificuldade, pois as crianças são muito intensas e fazem bagunça, no que foi confirmado por outro pai que disse ser provocado pelo filho a fazer algo.

Constelações encontradas no 3º Encontro:

- *Interesse e significado do Encontro;*
- *A relação homem-mulher; e*
- *Práticas educativas.*

Na constelação ***interesse e significado do Encontro***, está evidenciado o grande interesse pelo Encontro e a indignação para com os pais que não compareceram, chegando a solicitar uma punição aos pais faltantes, já que segundo os presentes o Encontro serve para evitar que acontecimentos ruins cheguem aos seus lares. Compreendem que o Encontro é um lugar de reflexão, que vai além do exercício de pensar, uma vez que possibilita um aprender a pensar.

A relação homem-mulher foi fortemente refletida neste Encontro, desde seus primeiros momentos. No início do Encontro, alguns *homens pais* solicitaram aos Pesquisadores para atender a uma mãe que estava à porta da creche querendo participar da reunião. Ao ser atendida no portão, a mãe - outra mulher, e não a Joselma do primeiro Encontro – veio também reivindicar sua participação, pois se compreendia como pai e mãe dos seus filhos. Foi necessária uma firme argumentação do Pesquisador para que a referida mãe não adentrasse na creche, portanto foi uma complicada conquista ter um espaço destinado apenas aos homens.

Os participantes relataram que a presença do casal é fundamental para a efetivação da educação dos filhos, e que as esposas tendem a determinar a forma de educação dos filhos.

Uma longa discussão foi travada entre os homens quando foi apresentada a frase: “Quando seu pai chegar em casa, você vai ver!”. Reconheceram que tal expressão é comumente utilizada pelas mães no processo educativo para com os seus filhos. A partir daí os participantes se aperceberam que a frase mencionada estabelecia um lugar para o homem nas práticas educativas. O lugar daquele que necessariamente deverá agredir, bater, ou seja, ficar no lugar de um pai que gera medo à criança e/ou pratica punições físicas.

Vários *homens pais* relataram não gostar de ficar no lugar do punidor, uma vez que isto os afasta da relação de congraçamento com seus filhos. Disseram que após passar o dia todo longe dos filhos, querem principalmente abraçar, brincar, vivenciar um momento agradável com os seus filhos, do qual se vêem impedidos, uma vez que as mães solicitam que eles sejam os algozes das crianças. Agregaram ainda que caso não estabeleçam punições, são taxados como frouxos pelas esposas.

Durante o processo reflexivo, ficou claro para os participantes que se é estabelecido socialmente um lugar para o ser pai e que, portanto faz-se necessário buscar entender e questionar os fazeres instituídos.

As **práticas educativas** mostraram-se divididas em dois pólos, as dialógicas e as não dialógicas.

As dialógicas apareceram principalmente quando Geraldo, encarregado de obra em construção civil, narrou uma história na qual conseguiu dialogar e por limite frente a uma agressão verbal de seu superior hierárquico. Disse que em função da ausência de seu chefe no período da manhã precisou tomar uma decisão importante dentro do canteiro de obras. Seu chefe ao chegar, e se inteirar

do ocorrido, ficou extremamente descontente. Telefonou para ele e começou a esbravejar. Geraldo indignou-se, fez o chefe parar de gritar dizendo que ninguém poderia gritar com ele, pois seus pais nunca o trataram assim. Em função desta assertiva, o chefe parou com as ofensas e pediu desculpas. O participante disse que pensa sempre na forma como foi educado para educar seu filho, ou seja, educa o filho para ser ator e não um personagem na vida.

O dialógico também se manifestou quando os pais relataram que a relação entre o casal é fundamental para a efetivação da educação dos filhos. Quando ao mesmo tempo contaram que procuram o diálogo para poder se aproximar das crianças, uma vez encontram dificuldades para educar devido ao alongado tempo que ficam longe delas. Além disto, o dialógico apareceu no momento que um dos pais relatou que quanto mais agressão uma criança sofrer mais ela ficará agressiva, portanto para ele bater não agregaria uma melhora na criança, colocar o limite pela palavra, ajudaria aos filhos a terem respeito por si próprio.

As práticas não dialógicas se mostraram quando solicitam uma punição aos pais faltantes, e também quando um dos participantes relatou que uma surra resolve os problemas com os filhos. O não dialógico se evidencia quando os pais narram que eles e seus filhos são testemunhas de muitas agressões na rua e na casa dos vizinhos. Além disto, vários participantes relataram que apanharam muito de seus pais quando eram crianças, e entendem que a forma com que o pai age com o filho determina como este poderá ser.

Constelações encontradas no 5º Encontro:

- *A participação da mulher para a promoção do homem como um cuidador;*
- *O impacto do trabalho do homem e relação entre pai e filho;*
- *As compreensões masculinas sobre o cuidado com os filhos;*
- *O falado e o vivido.*

A participação da mulher para a promoção do homem como um cuidador foi uma constelação que trouxe informações fundamentais sobre o olhar masculino. Otacílio relata que aprendeu muito com sua mulher, uma vez que a partir do momento que ela começou a trabalhar ele teve que cuidar das crianças. Expressou a importância, prazer de fazer e aprender o cuidado com os filhos. Houve um Encontro da mulher que ensina com o homem que se dispõe a aprender como cuidar do filho, ou seja, há a necessidade da participação da mulher na constituição do homem como um cuidador. Portanto, relação com a mulher pode abrir um canal para o próprio desenvolvimento masculino, a mulher surge como alguém que pode ensinar - ela tem uma competência que o homem pode adquirir. Desta forma, a mulher contribuiu para a aproximação do homem no mundo privado, com isto a mulher sai do privado e vai atuar profissionalmente no mundo público. O exercício da paternidade passa por fatores externos - eu/filho – e passa também pela mulher em função de suas ações para com e pelo homem. Otacílio relatou também que a vida familiar para ele agora é mais amorosa, unida, um lugar de aprendizado para todos, com isto é possível dizer que o cuidar é contagioso “quando vejo alguém cuidando de criança, fico com vontade de cuidar”.

Em contraposição, Doriel enfatiza que na educação dos filhos, sua esposa não concorda com a forma dele educar, com isto há uma maior dificuldade do homem estabelecer-se como cuidador.

O impacto do trabalho do homem e relação entre pai e filho. No atual trabalho de Doriel, ele encontrou a oportunidade de uma maior disponibilidade de

conviver prazerosamente com seu filho, compreende que o tempo e o trabalho podem favorecer ou podem ser um obstáculo do Encontro com os filhos, uma vez que o trabalho pode afastar o pai do convívio com o filho, e conseqüentemente o tempo em que poderiam estar juntos.

Nesta constelação estão presentes ***as compreensões masculinas sobre o cuidado com os filhos***. Clodoaldo relatou que educar o filho é diferente, pois as regras precisam mudar constantemente, uma vez que há mudanças nos filhos, nos pais e no contexto em que a criança está inserida. Clodoaldo ao relatar esta compreensão traz uma disposição ao diálogo, para buscar entender qual é a melhor regra pra cada momento da vida.

Para Robson, não é da cultura masculina trocar experiências quanto ao relacionamento dos filhos, ou seja, homens não são constituidores desse tipo de encontro. Segundo Robson os pais/homens não aceitam que outros homens venham a interferir na maneira como educam os filhos. Afirmar que caso esta interferência ocorra, haverá uma briga entre eles. Assim, Robson apresenta que educação de filhos é um tema que apresenta muitas dificuldades para a existência de um diálogo.

Os Encontros Reflexivos surgem então como um espaço para palpitação: para palpar na educação do filho do outro só na creche. Espaço para conversar sobre responsabilidade, e esta conversa parece alimentar o senso de responsabilidade, pois segundo os participantes quanto mais eu cuido mais aumenta a minha responsabilidade, aumenta o trabalho;

Robson generaliza, e ao mesmo tempo afirma que os homens na prática não ajudam as mulheres em casa, pois segundo ele os homens dizem uma coisa e fazem outra, ou seja, que há incoerência entre o discurso e a prática, existindo mentiras em função de qual seja o interlocutor. Desta forma, estabelece-se uma diferenciação entre ***o falado e o vivido***.

Constelações encontradas no 7º Encontro:

- ***Os nãoos que trazem sofrimento aos homens pais;***
- ***Diferenças entre o nãoo da mãe e o nãoo do pai;***
- ***A exposição dos filhos a agressões;***
- ***A dificuldade de educar;***
- ***A regra de ouro da educação: o nãoo definitivo; e***
- ***A necessidade de explicar o nãoo: a presença do diálogo no educar.***

Os nãoos que trazem sofrimento aos homens pais. Alberto relatou que dizer um nãoo pode magoar tanto o filho como o próprio pai. Explica que em determinados momentos, fica magoado em ter de falar nãoo para o filho, mas percebe que é necessário em alguns instantes estabelecer este limite para criança.

Leonardo expressou que dizer estes nãoos é mais doloroso aos pais do que aos filhos. O participante explica que, não somente ele, mas muitos dos *homens pais* que estão no Encontro se acham na mesma condição. Que gostaria de dar muitas coisas ao seu filho, a fim de que ele não viesse a sofrer com as dificuldades que ele, Leonardo, sofre. Sofre com o tipo de trabalho que tem de fazer para sobreviver, de ter que morar em um lugar carente de recursos, e de não poder oferecer uma melhor alimentação ao filho. Portanto, para o participante

ter de dizer um não nestas condições, solicita dele uma grande severidade, a qual lhe traz muito sofrimento.

Leonardo afirmou que se magoa muito por morar neste local, por ter vontade de atender e não ter condições de acolher um pedido de compra do filho, e por consequência vê-lo cabisbaixo. Narrou ainda que se percebe magoado ao ter que falar um não ao filho por não poder adquirir algum objeto que o amigo do filho tem. Contudo, percebe-se confortável quando tem de dizer um não para ação que poderá prejudicar o filho no futuro próximo.

Para os participantes da pesquisa, há **diferenças entre o não da mãe e o não do pai**. Wagner relatou que basta dizer não apenas uma vez para que o filho acate sua determinação, pois este já sabe que não adianta reclamar. Para o participante, o filho atende ao seu não em função da seriedade e da severidade de sua fala, pois o não paterno seria mais rígido e definitivo. Afirmou ainda que o não da mãe é mais fácil de ser burlado, pois a mãe tende a dizer um não que é mais afável.

Wagner reafirmou que o não paterno é mais firme do que o materno. Expressou ainda que seu não é igual ao não que seu pai lhe proferia, era um não que lhe causava medo de apanhar.

Contrariando a fala de Wagner, Sálvio afirmou que tem um filho de cinco anos que tende a não acatar o seu não, mas acata ao não da mãe. Em contraposição, a filha atende prontamente ao não paterno, mas não acata ao não materno. Sálvio diz que em sua casa o respeito dos filhos à autoridade é dividido entre ele e sua esposa. Afirmou ainda ser muito difícil dizer não.

Existe uma grande preocupação dos pais homens com **a exposição dos filhos a agressões**. Josias afirma que tem um filho de cinco anos, Getúlio e que nunca bateu nele, mas que o filho lhe faz perguntas que o deixam pensativo. Quando Felipe o perguntou sobre o que fazer quando outra criança o agride, Josias diz ter indicado para que ele não batesse em seu colega e que procurasse o professor para que este tomasse providências. Porém, o professor não deu atenção aos reclamos de seu filho, e não interveio na situação, com isto seu filho chegou magoado e com ira em casa. Josias relatou que mesmo assim solicita que o filho não bata nas outras crianças, mas que seu filho acaba batendo nelas. Diz ter procurado a professora, mas que precisa encontrar uma maneira de ajudar o filho a controlar a agressividade.

Leonardo concordando com Josias afirmou que diz para o filho não brigar, para não bater, mas que é muito difícil ouvir que outra criança bateu em seu filho, mesmo assim afirma que é necessário ser firme e dizer para o filho não bater.

Josias narrou uma situação na qual seu filho empurrou uma menina bem menor, e que o advertiu alegando que irá encontrar alguém maior do que ele o qual vai querer bater nele também. Diz que a faixa etária de cinco anos funciona na base do “bateu-levou”, e que não sabe como lidar com isso.

Wagner relatou que fora da escola também há brigas, principalmente em casa entre irmãos. Diz que se lembra de apanhar do irmão e depois apanhar da mãe por que brigou, ou seja, apanhava injustamente duas vezes. Afirma que esta situação acontece do mesmo modo em relação ao seu filho, pois pode estar repetindo o erro de sua mãe.

Josias diz que se não ouvirmos as crianças, cometeremos muitos erros, sendo injustos ao punir aquele que na realidade foi a vítima. Josias reclama que muitas vezes os adultos são muito duros com as crianças sem ouvi-los.

Neste Encontro surgiram vários relatos sobre **a dificuldade de educar**. Sálvio contou que seu filho não consegue compreender suas ações de tentar protegê-lo, ficando emburrado e não permitindo a aproximação paterna. O participante contou também que não consegue entender como as crianças, e no caso em específico do seu filho, têm a capacidade de reverter a seu favor uma situação lhe era desfavorável. Afirmou que, por vezes em função de alguma travessura, tenta punir seu filho, mas no exato momento da punição percebe que acontece uma ação sedutora da criança a qual porta-se de maneira carinhosa e adocicada, levando-o a extinguir o seu ímpeto inicial de punir. Diz que nestas condições é muito difícil aplicar uma ação disciplinar.

Leonardo narrou uma punição que aplicada a seu filho, a qual posteriormente causou-lhe um sentimento de culpa. Contou que impediu seu filho de dormir dentro do ônibus a fim de que ele dormisse em casa. Posteriormente, apercebeu-se que esta era uma solicitação injusta, pois a criança quando quer dormir tem que dormir. Diz que se magoa apenas de lembrar o quanto injusto e ignorante para com o filho. Afirmou também que chegou a pedir perdão para o filho.

Sálvio relatou que já viu muitos pais que deixam os filhos soltos, sem limites. Relatou que a consequência disto é a entrada dos filhos na marginalidade. Afirmou que é necessário sempre estar cuidando e acompanhando a vida do filho, pois caso contrário o final será chorar no cemitério.

Muito se acrescentou à pesquisa quando se solicitou dos participantes qual seria **a regra de ouro da educação: o não definitivo**. Para Agnaldo há muito que podemos dar aos filhos, mas não devemos dá-las, como no caso de uma arma de brinquedo, pois entende que algo que simbolize uma arma de fogo não seja adequada a uma criança.

Alberto afirmou que é necessário não deixar a criança fazer tudo aquilo que ela quer. Já Leonardo contou que é fundamental utilizar o não que educa.

Para Wagner, é necessário que o pai coíba o filho de não bater em outras crianças. Diz às filhas que não podem utilizar de violência contra ninguém, uma vez que para ele a criança utilizar de violência será um adulto violento. Afirma querer que suas filhas entendam que antes da violência tem de vir a palavra.

Para Leonardo a regra de ouro na educação é não deixar os filhos receberem presentes de pessoas estranhas. Afirma que obriga seus filhos a devolver os presentes de estranhos, pois suspeita das intenções destes em seduzir seus filhos ao dar um presente.

Em alguns momentos do Encontro, os pais homens se surpreenderam com **a necessidade de explicar o não: a presença do diálogo no educar**. Agnaldo considera que é difícil explicar o não para as crianças, apesar delas sempre solicitarem para que ele explique. Entretanto, confirmou que apesar de ser difícil de explicar o não para as crianças entende que é muito importante o adulto explicar a razão de sua negativa.

Josias afirmou que tem cuidados com a linguagem utilizada em função da faixa etária que a criança se encontra. Narrou como exemplo o dia em que pediu

ao filho, de cinco anos, para não ficar muito tempo no banheiro, pois lá haveria muitas bactérias. Frente ao questionamento do filho sobre o que seriam bactérias, viu-se na necessidade de tentar traduzir este conceito para uma linguagem que o filho pudesse entender, fez isto, mas mesmo assim percebeu que Felipe não ficou satisfeito com a resposta.

Leonardo, por sua vez, contou que antes de dizer um não ao filho é necessário primeiro escutá-lo, para saber mais claramente o que este quer. Diz também que sua filha percebe quando ele diz um não mentiroso. Afirma ser inadequado não falar a verdade, pois isto pode retirar o respeito que a criança tem pelo pai, impossibilitando a existência de um diálogo mais autêntico.

Wagner disse que antes do Encontro não pensava em explicar alguma negativa dada ao filho, e que agora compreende o quanto tirânico é dizer um não sem explicar suas razões.

Constelações encontradas no 8º Encontro:

- *As crianças não conseguem entender a saída para o trabalho;*
- *Estratégias utilizadas a fim de deixar os filhos para ir trabalhar;*
- *Dificuldades para educar os filhos;*
- *A importância do pai na vida dos filhos;*
- *A importância dos filhos na vida do pai; e*
- *Compreensões sobre o Encontro.*

Para os pais, ***as crianças não conseguem entender a saída para o trabalho.*** Marcos relatou que a filha é inocente e que apesar de ser esperta não consegue entender a necessidade de ele sair para trabalhar, uma vez que sempre quer a sua presença.

Josué relatou que pela razão de sua filha ser muito jovem ela não faz diferença do lugar onde está. Já Everton relatou que sua filha não sente muito a sua falta, pois ela se diverte na creche.

Os pais narraram as **estratégias utilizadas a fim de deixar os filhos para ir trabalhar**. Wesley contou que a única estratégia que utiliza para conseguir ir trabalhar é procurar trocar sua saída por balas e guloseimas, pois senão o filho não aceita seu afastamento. Josué relatou ser necessário falar várias vezes até que o filho o entenda, e isto forçosamente se repete todos os dias. Josué disse que o filho se mostrou sossegado quando se explica quem vai acompanhá-lo durante o dia, ficando tranquilo ao saber que não ficará sozinho.

Nas **dificuldades para educar os filhos**, Wesley relatou que é necessário cumprir aquilo que prometeu ao filho, pois caso contrário ficará com uma dívida para toda a vida com o filho. Já Marcos relatou que para educar os filhos nos dias de hoje é necessário ter paciência, pois as crianças aprontam.

Em vários momentos do Encontro, os participantes se referiram à **importância do pai na vida dos filhos**, tanto que Marcos contou que trabalhar para sustentar a família é um principal orgulho para o homem.

Agnaldo relatou que antigamente trabalhava muito, o que lhe impedia de estar com as filhas, disse que saía de casa às 4 horas da manhã durante a semana, e trabalhava sábado e domingo. Contou que depois de algum tempo percebeu que isto estava errado, preferiu então, fazer economia para poder ficar

com as filhas no sábado e domingo. Afirmou que as filhas precisam de sua presença e que sempre é necessário estar acompanhando a vida delas.

Para Agnaldo, com a sua presença, as filhas se sentem mais seguras. Disse que as crianças precisam em muito receber o carinho dos pais, e que é necessário estarmos com os filhos para conseguirmos acompanhar seu crescimento. Conclui afirmando ser fundamental acompanhar as crianças, pois para ele criança é somente criança por um pequeno intervalo de tempo.

Foi patente neste Encontro **a importância dos filhos na vida do pai**. Marcos relatou que quando está trabalhando sente a falta da filha, e que sente muitas saudades dela, tanto que às vezes quando chega tarde da noite em casa tem vontade de acordá-la apenas para vê-la. Marcos diz que entende que é necessário brincar quando o filho é pequeno, que é imperioso viver esta fase com a criança porque ela vai crescer e não haverá mais como brincar deste jeito, além disto, contou que é muito agradável acompanhar o processo imaginativo de sua filha durante suas brincadeiras, e acredita que está vivendo a melhor fase da vida da criança. Joca por sua vez disse que gosta quando a filha brinca com ele. A fala de Fred é ilustrativa pois diz que em função das brincadeiras, sua esposa o considera mais criança do que o seu filho

Wesley contou que tenta viver com o filho tudo aquilo que não viveu com o pai, pois o fato de não ter curtido estes momentos com o pai o magoa até hoje. Acredita que esta mágoa nunca vai deixá-lo, e em função disto procura deixar uma boa lembrança para seu filho.

Josué relatou que apenas ele se preocupa em acordar a noite para atender às necessidades de sua filha, e que o fato de sua esposa não ter o mesmo

cuidado lhe causa muita raiva. Fred e Everton comentam que Josué tem esta ação porque o pai não aguenta ver um filho chorar. Everton acrescenta que as mães acham que é apenas manha da criança e não agem. Para Josué, o pai tem mais cuidado com o filho.

As principais **compreensões sobre o Encontro** são sinalizadoras da importância em se reunir pais homens. Marcos relatou que por vezes o pai tem vergonha de falar em público, e que no Encontro pode-se falar. Wesley, que de todos os participantes era o pai mais jovem, relatou que aprendeu muito com os pais que têm mais experiência no educar filho, e que deseja aprender mais a educar seu filho. Para Agnaldo é necessário ir às crianças com um bom diálogo. Marcos relatou que depois do Encontro procurará dar mais carinho para a filha, pois gosta de fazer isto. Everton por fim diz que foi bom saber que não é o único que gosta de brincar com as crianças.

HORIZONTES DE POSSIBILIDADES DE SER PAI

“Eu nunca tinha pensado que sou um bom pai.”

A proposta aqui é fazer uma narrativa das narrativas, passar do oral ao escrito aquilo que foi experienciado com os pais homens e tentar jogar alguma luz sobre estes momentos a fim de vislumbrar suas práticas e compreensões de paternidade.

É evidente em nossa sociedade que, de uma forma geral, a paternidade é pouco assumida pelos homens, como foi evidenciado pelas pesquisas na categoria ***Pesquisas com pais desertores*** do levantamento bibliográfico sobre a paternidade. Isto também emergiu na presente investigação quando, por exemplo, alguns pais afirmaram que participam do Encontro apenas por pressão de suas esposas. Portanto, a assunção da paternidade, e de todos os cuidados envolvidos no educar os filhos, mostrou-se também pouco investida para alguns, mas a maioria dos participantes mostraram uma importante apropriação da paternidade.

A presença de Joelma, apesar de seu movimento brusco dentro do grupo, também denunciou como muitos homens estão a dever quando se trata da educação dos filhos, de que não devemos ser ingênuos frente ao modo como eles se apresentam, e que é fundamental suspeitar em muito daquilo que eles expressam.

Portanto, ao partir em direção ao conhecimento sobre os *homens pais*, foi necessário se preocupar com os jogos de cena, e com o tentame destes se mostrarem de acordo com os desejos do pesquisador, pois como seres humanos

podem comportar em si o que há de melhor e de pior na humanidade, em função disto é fundamental a suspensão dos saberes previamente estabelecidos ao estudar esta população.

Entretanto, é difícil acreditar que tudo o que foi experienciado com esta população no decorrer de quatro anos fora apenas encenações. Que as vozes, por vezes tremulas e angustiadas, ocorreram apenas para camuflar uma forma inconsistente de ser pai no mundo. Que o sorriso espontâneo, de se perceber como um pai de possibilidades foi apenas um engodo. Desta forma, a proposta daqui em diante é refletir, buscando se despir das idéias preconcebidas do venha a ser a paternidade para aqueles *homens pais*, mas sem generalizar.

A presença de Joelma no Encontro além do já relatado, prima também por denunciar o quanto esta mulher agarra-se ao cuidado dos filhos e desqualifica os *homens pais*. Seria inverossímil imaginar, que nesta comunidade, um homem pai adentrar a uma reunião destinada apenas a mães e exigir a sua participação alegando que se considera pai e mãe de seus filhos. Joelma vem trazer o lugar instituído socialmente às práticas educativas tanto aos homens quanto às mulheres. Pode relatar o incomodo que lhe causava ver os homens se aproximarem de seu lugar exclusivo. Além disto, é possível utilizar o plural pra se referir às mães invasoras, pois se não fossem medidas enérgicas tomadas para conter as investidas femininas haveria de se ter a presença de mulheres nos Encontros destinados exclusivamente aos homens.

A valorização do lugar social destinado às mães no cuidado para com os filhos é algo que se mostrou profundamente enraizado na presente investigação, assim a aproximação do homem a este lugar parece despertar uma profunda

ambigüidade. Por um lado, é solicitada a participação paterna, mas por outro não se aceita a possibilidade de ocupação pelos homens do lugar tido como materno. Assim, para compreender as possibilidades de ser pai é, portanto necessário também levar em consideração as mensagens contraditórias das mulheres.

Em contrapartida, por vezes, a intermediação das mulheres entre *homens pais* e os filhos foi fundamental para a constituição da paternidade entre os participantes. A mulher surgiu como possibilidade de abertura da entrada do homem na relação paterna e como uma via que auxilie a existência do cuidado no universo masculino. Tem-se então a intermediação da mulher na paternidade ora resultando em um crescimento ou ora obstáculo a paternidade.

Os Encontros tornaram-se sinônimo de espaço de legitimidade dos *homens pais* como protetores e educadores, um espaço de convocação que foi avidamente correspondido, foi possível constatar isto pela presença assídua, pelo envolvimento e pelas narrativas dos pais.

“se tivéssemos sentados em uma calçada esse assunto nunca surgiria.”

Além de estes Encontros serem um local para a troca de experiências e de reflexão, há também outro fator que se mostra digno de nota, a legitimação do ser pai entre seus pares, ou seja, de reconhecer a paternidade alheia e ser reconhecido como pai. Isto tornou os Encontros como algo que transcende as discussões sobre as práticas educativas, e possibilitou aos participantes se confirmarem como pais, e principalmente perceberem-se como pais interessados no projeto de vida de seus filhos.

Além do que foi abordado até aqui, alguns elementos nucleares, que perpassaram os diversos Encontros, serão utilizados como caminho para na busca de uma compreensão do que foi vivenciado com os *homens pais*, são eles: o embate de paradigmas e a constituição da paternidade.

Evidenciou-se então um grande embate entre estes dois principais paradigmas que norteavam os participantes na prática educativa com seus filhos. O primeiro paradigma está associado à forma como foram educados por seus próprios pais, ou seja, uma forma autoritária e não dialógica de ser no mundo. Já o segundo paradigma está associado à dialogicidade e à proximidade afetiva que desejam para com os filhos.

No paradigma que está presente a forma como os *homens pais* foram educados, são marcantes em suas trajetórias as práticas educativas que tentam impor o respeito pelo medo. Em suas narrativas foi comum a referência aos seus próprios pais como extremamente autoritários e violentos, o que lhes causavam temor apenas pelo olhar deste. Neste caminho, o bater para educar ganhou uma ênfase, e surge como a forma básica do educar, no qual os *homens pais* se apegam ao exercer seu poder sobre o outro.

Além disto, é fundamental se atentar para a condição social destes homens, uma vez que é primordial a clareza de que estes trabalham e vivem basicamente em uma condição de subalternidade, nas quais estão constantemente despossuídos de poder e obrigados a se submeter a uma posição servil. O lar seria, assim, o único local que estes *homens pais* poderiam se perceber como uma autoridade, como um ser que estabelece diretrizes, como alguém que pode dirigir o projeto familiar. Nesta condição, de se perceber como

possuidor de poder apenas no foro privado, os participantes muitas vezes repercutem no âmbito familiar as agressões sofridas no contexto social mais amplo, tendendo a naturalizar a agressão física como algo que seja justificável e necessária. Este bater nos filhos vem sendo legitimado historicamente, quando se fornece aos pais muitos direitos sobre os filhos, corroborando em várias situações o agir fisicamente sobre as crianças para estabelecer a autoridade paterna.

Assim o poder ser pai quando fechado na cotidianidade, com o ser sem a possibilidade de refletir sobre o seu universo, tende a um diálogo menos autêntico, irrefletido. Isto é básico para se buscar entender os *homens pais* que participaram da presente pesquisa, uma vez que estes vivem em uma cotidianidade massacrante de desrespeito a suas potencialidades.

“O poder ser sempre é compreendido segundo determinadas possibilidades dispostas, nas quais o ser-aí já está imerso; o homem nunca se dá como flutuando no ar, ou seja, fora do mundo vigente” (ALMEIDA, 1999, p. 49)

A privação do poder ser é um padecimento ao existente, pois retira deste a condição de se ter como um ser de possibilidades, já que poder ser é ver por meio de si próprio os diversos modos de ser, é desinstalar para poder ser.

Além do paradigma autoritário, apareceu no contato com os participantes outro paradigma: o da dialogicidade. Em vários momentos dos Encontros, os pais se mostraram preocupados em tentar compreender a complexidade que é educar seus filhos, procurando abarcar um olhar que pudesse dar conta da singularidade desta criança. Considerou-se dialógica a prática educativa que privilegia o

exercício da autoridade pelo respeito à hierarquia e não pelo medo, e convivência pautada pela horizontalidade e igualdade de valor entre pais e filhos. Deste modo, a maneira de poder ser dos participantes em relação a educação dos filhos mostrou-se impregnada de dúvidas sobre a forma desejada da paternidade ser, assim o que os *homens pais* esperam ser na relação com seus filhos aparece envolvido em contradições, e ambigüidades. A compreensão rasa de diálogo como *laisser-faire* é confundida com a perda de autoridade.

Em vários momentos, eles apresentaram sua inquietude em relação a questões relacionadas às práticas educativas, uma vez que também se vêem tomados, a serem dialógicos para com seus filhos. Isto parece surgir tanto em função das experiências negativas com os seus próprios pais, uma vez que relatam não querer repetir com seus filhos a forma que foram educados, como também em função das múltiplas solicitações sociais advindas seja da creche, escola ou dos órgãos de saúde pública.

Nos Encontros, estavam presentes pessoas que se mostraram dispostas à reflexão sobre a forma de ser pai, mas que também que se viam perplexas frente às convocações que os filhos lhes faziam. Relataram a compreensão de que ao ser pai há a necessidade de realizar intervenções educativas para com os filhos, ou seja, tinham clareza que o seu fazer paterno tem repercussões profundas na vida dos filhos, mas as dúvidas advinham do ponderar quais seriam as intervenções que repercutiriam positivamente no sentido daquilo que almejavam. Isto parece ter um impacto muito grande nos participantes, pois em vários Encontros apareceu a dificuldade de educar os filhos sem a utilização da agressão física. Expressaram saber da necessidade em se educar os filhos por meio de uma relação mais dialógica, mas temiam se perderem na educação de

crianças, crianças que se mostram tão provocativas para eles. Isto nos faz recordar que para a fenomenologia o poder ser aparece frente a angústia como uma característica essencial do ser humano, a qual lhe arremessa à frente e lhe apresenta a responsabilidade por sua vida no mundo, pelas escolhas que fez, faz e fará no contexto em que está inserido.

A constituição paterna se mostrou como um processo complexo e multifacetado, e a partir do que foi experienciado, tornou-se notório que estes homens tinham dificuldades em falar da vida privada, que o manejo da linguagem se tornara difícil para abordar assuntos da intimidade, e isto parece estar atrelado a condição de não terem sido socialmente encorajados a tanto.

Apesar de todas estas dificuldades, nos Encontros houve vários momentos em que os pais conseguiram se manifestar, conseguiram narrar suas vivências de forma a percebê-las de uma maneira diferenciada, entendendo-as com um novo olhar sobre aquilo sobre o que se passou. É significativa a fala de um pai que ao término de um dos Encontros declarou a todos os participantes:

“Eu nunca tinha pensado que sou um bom pai.”

Emancipar-se, tornar-se independente, libertar-se de formas naturalizadas de ser, é um processo de uma complexidade enorme. Da parte dos pesquisadores, há a necessidade de um exercício constante de reflexão a fim de não se impor sobre o outro uma forma de ser, pois senão haverá apenas o estabelecimento de novas receitas de como agir no mundo e de como agir com os filhos. Emancipar vai além; é buscar no outro as potencialidades para que este se

perceba em condições de tomar decisões dentro do leque de possibilidades que a vida lhe apresenta.

Para a realização dos Encontros, tinha-se clareza de que é possível ao cuidado paterno propiciar acolhimento afetivo e material aos filhos, ensinando-lhes hábitos e habilidades sociais, possibilitando acesso à educação vinculado a um sentido emancipador, entretanto houve sempre clareza que este cuidado pode também se manifestar na forma da negligência, dos maus tratos, e do autoritarismo (SZYMANSKI, 2006). Assim os Encontros se apresentaram como um caminho de reflexão e para se evocar novas formas de relação, tendo como interesse principal o emergir de práticas educativas vinculadas ao sentido da existência destes *homens pais*, e, conseqüentemente da existência de seus filhos.

“O poder ser compreende-se assim em função das próprias possibilidades nas quais ele está imerso, o que, aliás, sempre o abre a outras” (ALMEIDA, 1999, p. 50)

O amor pelos filhos foi algo que perpassou todos os Encontros e que se mostrou presente em diferentes narrativas dos participantes, mas um evento em particular se mostra elucidador do amor dos pais pelos filhos e ao mesmo tempo da dificuldade destes em expressar tal sentimento. Na segunda-feira, após o 4º Encontro realizado no domingo, a equipe de pesquisadores recebeu uma ligação da coordenadora da creche. Narrou ela, que uma mãe a procurou indagando sobre o que teria acontecido com seu marido no domingo, pois este ao chegar em casa buscou os filhos para abraçá-los, o que a deixou em uma condição de perplexidade, uma vez que seu marido nunca abraçava afetivamente os filhos.

A dificuldade da expressão do amor paterno parece vinculado à dificuldade de manejo da linguagem, ou seja, de colocar em palavras o que sente em relação aos filhos, de conseguir se colocar em um diálogo aberto para com estes. Isto parece mesmo iluminar a compreensão sobre a presença ou não do amor nestes homens, pois durante os Encontros, quando eles tiveram um espaço de acolhimento que oportunizou a expressão emocionada deste amor, mais felizes eles se apresentaram.

Em função do que foi apreendido até o presente momento com estes *homens pais*, evidencia-se a necessidade da presença de uma atenção psicossocial a populações que vivenciam a paternidade, uma vez que esta se constitui na intersecção da pessoa com sua rede de contatos sociais. Portanto, quanto mais espaços forem oferecidos para reflexão, e quanto mais apoio for dado aos *homens pais* para a constituição e assunção da paternidade, mais benefícios receberão os filhos destes. É oportuno ressaltar a importância que a presença e o apoio das mulheres para a constituição da paternidade masculina, sejam elas mães, esposa, parentes, amigas e de todas outras que orbitam o universo de *homens pais*. Os pais homens precisam ser inseridos de outra forma no contexto social da paternidade.

Referências Bibliográficas

- ABREU, Aldira Samantha Garrido Teixeira. **Conceito e vivência da paternidade: um estudo de enfermagem das possibilidades existenciais de pais** Rio de Janeiro; Tese de Doutorado Escola de Enfermagem Anna Nery; s.n; out. 2001.
- ALMEIDA, Fernando Milton Aconselhamento Psicológico numa visão fenomenológico-existencial. In: MORATO, Henriette Tognetti. Penha. **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa: novos desafios.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- AMATUZZI, Mauro Martins **O resgate da fala autêntica: filosofia da psicoterapia e da educação.** 1. ed. Campinas: Papirus, 1989.
- AMATUZZI, Mauro. Martins Pesquisa fenomenológica em Psicologia In: BRUNS, M. A. T. e HOLANDA, A. F. (org.) **Psicologia e Fenomenologia: Reflexão e Perspectivas**, Campinas São Paulo, Editora Alínea, 2003
- ARILHA SILVA, Margareth **Masculinidades e gênero: discursos sobre responsabilidade na reprodução.** São Paulo. Dissertação de Mestrado em Psicologia Social, PUC-SP, 1999.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1996.

BRASILEIRO, Renata de Faria; JABLONSKI, Bernardo; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha Papéis de gênero, transição para a paternidade e a questão da tradicionalização **Psico** (Porto Alegre);33(2):289-310, jul.-dez. 2002.

BRUNS, Maria Alves Toledo A redução fenomenológica em husserl e a possibilidade de superar impasses da dicotomia subjetividade-objetividade In.: BRUNS, M. A. T. e HOLANDA, A. F. (ORG.) **Psicologia e Fenomenologia: Reflexão e Perspectivas**, Campinas São Paulo, Editora Alínea, 2003

BUSTAMANTE, Vânia; TRAD, Leny A. Bomfim Participação paterna no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares **Cad. Saúde Pública** v.21 n.6 Rio de Janeiro nov./dez. 2005. doi: 10.1590/S0102-311X2005000600036

CABRAL, Cristiane S. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. **Cad. Saúde Pública**, 2003, vol.19 supl.2, p.283-292. ISSN 0102-311X.

CARUSO, Ilda Aparecida **Paternidade uma forma de existir** São Paulo, PUCSP, Tese de Doutorado, 1986.

CARVALHO, Clara Paulina Coelho Oficinas de Narrativas: Mosaico de Experiências In: MORATO, HENRIETTE TOGNETTI PENHA (Org.) **Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa: novos desafios**. São Paulo. Casa do Psicólogo, 1999.

CARVALHO, Lilian Adeodato **Reflexões sobre o pai : um estudo sobre a construção da paternidade na historia de vida e no desenvolvimento do sujeito.** São Paulo, USP, IP - Instituto De Psicologia. Dissertação (Mestrado), 1989, 184p

CHAVES, Ulisses Herrera **O exercício da paternidade : a paternidade com filhos adolescentes do sexo masculino nas camadas médias.** Ribeirão Preto, USP, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto 2002.

CORRÊA, Aurea Christina De Paula; FERRIANI, Maria Das Graças Carvalho
Paternidade na adolescência: um silêncio social e um vazio científico. **Rev Gaúcha Enferm**, Porto Alegre (RS) 2006 dez;27(4):499-505.

CÔRTEZ, Norma; PINTO, Álvaro Vieira: A realidade como construção dialógica e temporal. **Perspectivas**, São Paulo, 28: 119-131, 2005

COSTA, Nina Rosa do Amaral **Construção de sentidos relacionados à maternidade e à paternidade em uma família adotiva.** Ribeirão Preto, USP, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto Tese (Doutorado) 2005.

COSTA, Rosely Gomes. Reprodução e gênero: paternidades, masculinidades e teorias da concepção. **Rev. Estud. Fem.**, jul./dic. 2002, vol.10, no.2, p.339-356. ISSN 0104-026X.

CRITELLI, Dulce Mara **Analítica do sentido**. São Paulo: EDUC, Brasiliense, 1996.

DARTIGUES, André **O que é fenomenologia**. São Paulo, Centauro, s/d.

DIAS, Acácia Batista; AQUINO, Estela M. L. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 22(7):1447-1458, jul, 2006

DUTRA, Elza A Narrativa como uma Técnica de Pesquisa Fenomenológica. In: **Estudos de Psicologia**, Natal, UFRN, nº 2, vol.7, 2002

FARIA, Durval Luiz de. **O pai possível - conflitos da paternidade contemporânea**, São Paulo, Educ-Fapesp, 2003.

FONSECA, Claudia. A certeza que pariu a dúvida: paternidade e DNA. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 2004, vol.12, n.2 [cited 2010-01-18], pp. 13-34 . Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000200002&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0104-026X. doi: 10.1590/S0104-026X2004000200002.

FREIRE, Paulo **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo **Pedagogia da autonomia - saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

FREITAS, Waglânia de Mendonça Faustino; COELHO, Edméia de Almeida

Cardoso; SILVA, Ana Tereza Medeiros Cavalcanti Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. **Cad. Saúde Pública**. 2007;23(1):137-45.

FULLER, Norma (org.). **Paternidades en América Latina**. Lima: Pontificia

Universidad Católica del Perú, Fondo Editorial, 2000. 418 p.

GOMES, Aguinaldo José da Silva e RESENDE, Vera da Rocha. O pai presente: o

desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psic.: Teor. e Pesq.**, maio/ago. 2004, vol.20, no.2, p.119-125. ISSN 0102-3772.

GOMES, R. **Levantamento sobre a produção bibliográfica da saúde coletiva**

acerca da masculinidade. Atividade da pesquisa do CNPq A construção da masculinidade como fator impeditivo do cuidar de Si/ 2003-2006.

IFF/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2004

GRANDESSO, Marilene A. **Sobre a reconstrução do significado:** uma análise

epistemológica e hermenêutica da prática clínica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

GUEDES, Edson Carvalho **Alteridade e diálogo: uma meta-arqueologia da**

educação a partir de Emmanuel Lévinas e Paulo Freire. Tese apresentada ao Programa de Pósgraduação em Educação, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, 2007.

HEIDEGGER, Martin **Todos nós ... ninguém.** Tradução brasileira de Dulce Maria Critelli. São Paulo, Editora Moraes, 1981.

HENNIGEN, Inês e GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos Estudos Culturais. **Psicol. Soc.**, jan./jun. 2002, vol.14, no.1, p.44-68. ISSN 0102-7182.

HOUAISS, A.; Villar, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa** Rio de Janeiro, RJ (Brazil). 2001. 2922 p.

HUSSERL, Emund **A crise da humanidade européia e a filosofia.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

INSTITUTO NOOS **Programa de Prevenção á Violência Intrafamiliar e de Gênero.** Acessado em 23/07/2008: <http://www.noos.org.br/programas.htm>

INSTITUTO PAPAI **Quem Somos** Acessado em 23/07/2008:
<http://www.papai.org.br/index.php?goto=quemsomos.php>

LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro; PICCININI, Cesar Augusto Paternidade na adolescência: aspectos teóricos e empíricos. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum**;14(1):51-67, jan.-maio 2004.

LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro e PICCININI, Cesar Augusto. A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. **Psicol. Reflex. Crit.**, 2002, vol.15, no.2, p.413-424. ISSN 0102-7972.

LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro. Paternidade na adolescência: uma breve revisão da literatura internacional. **Estud. psicol.** (Natal);6(2):195-209, jul.-dez. 2001

LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro; PICCININI, Cesar Augusto Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. **Psicologia. Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 17-28, 2006.

LEWIS, Charlie; DESSEN, Maria Auxiliadora. O pai no contexto familiar. **Psicol. teor. pesquisa**;15(1):9-16, jan.-abr. 1999.

LOMAR, Tereza Paletta **O diálogo na prática docente: A compreensão de professoras de uma escola pública do município de São Paulo.** Dissertação de Mestrado PUCSP, 2007.

LYRA, Jorge A construção social da invisibilidade dos pais adolescentes nos dados demográficos. **XI encontro dos estudos populacionais da ABEP.**
Acessado em 8/9/2005
<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/PDF/1998/a158.pdf>.

LYRA, Jorge **O papel dos homens e meninos em busca da equidade de gênero.** Painel apresentado na 48ª Sessão da Comissão sobre a condição das Mulheres, Nova York, 1-12 Março de 2004, Nações Unidas, Divisão para o Avanço das Mulheres.

LYRA, Jorge; MEDRADO, Benedito. "Gênero e Paternidade nas pesquisas demográficas: o viés científico". **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n.1, p. 145-158, 1. (2000)

MACIEL, Alexandrina Aparecida. **Ser/estar pai: uma figura de identidade**, São Paulo, Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. Departamento de Saúde Materno-Infantil, Mestrado.; s.n; 1994. 70 p.

MATOS, Diva Maria Santos **Experiência de ser pai de uma mulher** São Paulo, USP IP - Instituto De Psicologia. Dissertação (Mestrado) 1995,143p.

MEDRADO, Benedito; LYRA, Jorge. A adolescência "desprevenida" e a paternidade na adolescência: uma abordagem geracional e de gênero. In: Schor, Néia; Mota, Maria do Socorro F. Tabosa; Branco, Viviane Castelo. **Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento**. Brasília, Brasil. Ministério da Saúde, ago. 1999. p.230-48

MERLEAU-PONTY, Maurice A percepção do outro e o diálogo. In: _____. **A prosa e o mundo**. São Paulo: Cosak & Naify, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice **Fenomenologia da percepção** São Paulo: Martins Fontes. 1994.

PICCININI, Cesar Augusto, SILVA, Milena da Rosa, GONCALVES, Tonantzin Ribeiro *et al.* O envolvimento paterno durante a gestação. **Psicol. Reflex. Crit.**, 2004, vol.17, no.3, p.303-314. ISSN 0102-7972.

QUADROS, Marion T., 1996. **Construindo uma Nova Paternidade? As Representações Masculinas de Pais Pertencentes às Camadas Médias em uma Escola Alternativa do Recife.** Dissertação de Mestrado, Recife: Ciências Sociais, Universidade Federal de Pernambuco.

REIS, Alberto Olavo Advícula. Opacidade e visibilidade da paternidade na reprodução adolescente. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum**;7(2):69-76, jul.-dez. 1997.

REIS, Vania Teresa Moura **Jovens pais e jovens mães experiências em camadas populares** PUCSP, Tese de Doutorado, 2004, 264 p.

RICOEUR, Paul **Do texto à acção.** Trad. Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando.

Porto: RÉS, 1989.

RODRIGUES, Elisane A. Santos; SOUZA, Elisângela Paula; GUEDES, Corina Costa; MADEIRA, Anézia Moreira Faria. O adolescente e a vivência da

paternidade: uma abordagem fenomenológica. **REME rev. min. enferm**;7(2):82-88, jul.-dez. 2003.

SANTOS, Valdonilson Barbosa. **Brincadeiras à Parte: leitura sobre masculinidade(s) a partir de jogos e brincadeiras infantis...**, Pôster referido nos Anais do XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2002.

SCHNEIDER, Jacó Fernando; TRINDADE, Ellika; MELLO, Ana Maria de A; BARRETO, Míriam Lúcia. A paternidade na perspectiva de um grupo de pais. **Rev. gaúch. enferm**;18(2):113-22, jul. 1997

SCHRAIBER, Lília Blima, GOMES, Romeu e COUTO, Márcia Thereza. Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. *Ciênc. saúde coletiva*, jan./mar. 2005, vol.10, no.1, p.7-17. ISSN 1413-8123.

SETTON, Marcia; PAZINATO, Patrícia Um estudo da paternidade: aproximação entre a abordagem fenomenológica existencial e a abordagem relacional sistêmica **Boletim de Iniciação Científica em Psicologia** – 2002, 3(1): 74-100

SOANE, Ana Maria Nassar Cintra. **O vivido pelo adolescente frente à paternidade Universidade Federal de Minas Gerais**. Escola de Enfermagem para obtenção do grau de Mestre. Belo Horizonte; s.n; 2002. 160 p.

SPANOUDISS. Apresentação, introdução In: HEIDEGGER, Martin **Todos nós ... ninguém.** Tradução brasileira de Dulce Maria Critelli. São Paulo, Editora Moraes, 1981.

SPARTI, S. C. M., **Relações de Gênero nos livros didáticos e Práticas Docentes: Professoras em Movimento.** São Paulo, 1995, 164 p., Dissertação de (Mestrado) – Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica.

SZYMANSKI, Heloisa **A relação Família Escola: Desafios e Perspectivas.** Brasília: Editora Plano, 2001.

SZYMANSKI, Heloisa (Org.) **A entrevista na Pesquisa em educação: a prática reflexiva.** Brasília: Ed. Plano, 2002.

THURLER, Ana Liési. Outros horizontes para a paternidade brasileira no século XXI?. **Soc. estado.**, Brasília, v. 21, n. 3, Dec. 2006 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922006000300007&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Jan. 2010. doi: 10.1590/S0102-69922006000300007.

TRINDADE, Ellika. **Hermenêutica do existir do homem de meia-idade – Paternidade, sexualidade e projetos de vida: um olhar a luz de Heidegger.** Ribeirão Preto, 2002. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP, Departamento de Psicologia da Educação.

TRINDADE, Elika, BRUNS, Maria Alves de Toledo **Adolescentes e paternidade um estudo fenomenológico Ribeirão Preto**, SP, Holos, 1999.

TRINDADE, Zeidi Araujo e MENANDRO, Maria Cristina Smith. Pais adolescentes: vivência e significação. **Estud. psicol. (Natal)**, jan. 2002, vol.7, no.1, p.15-23. ISSN 1413-294X.

TRINDADE, Zeidi Araujo Concepções arcaicas de maternidade e paternidade e seus reflexos na prática profissional. **Interfaces:Revista de Psicologia**, 1,33-40. (1999).

TRINDADE, Zeidi Araujo Andrade, C. A., & Souza, J. Q. Papéis parentais e representações da paternidade: a perspectiva do pai. **Psico**, 28, 207-222. (1997).

UNBEHAUM, Sandra G. **Experiência masculina da paternidade nos anos 1990: estudo de relações de gênero com homens de camadas médias**. São Paulo; Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Mestrado; jul. 2000. 217 p.

YANO, Ângela Maria Mieko; ALVES, Zélia Maria Mendes Bisoli; SILVA, Mara Regina Santos da; SAGIM, Mirian Botelho As práticas de educação em famílias de crianças com paralisia cerebral diplégica espástica e com desenvolvimento típico pertencentes a camadas populares da cidade de

salvador – a perspectiva do pai **Família, Saúde e Desenvolvimento**, v. 8, n. 2
(2006)

Bibliografia consultada

ACOSTA, F.; BRONZ, A.; FILHOIS, A. A. Reflexive groups Engage Brazilian Men in Preventing Gender-Based Violence, **Psychology International**, Vol. 15, n. 2, Spring 2004.

BATALINI, Marta **A construção da identidade no espaço publico uma analise do sujeito na obra de Hannah Arendt**. São Paulo, PUCSP, Dissertação de Mestrado, 2003

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani **Fenomenologia confrontos e avanços**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani Notas sobre o Seminário Realizado pelo Prof. Amedeo Giorgi: Fenomenologia e a Pesquisa Qualitativa em Psicologia In: **Cadernos da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos**. São Paulo: A Sociedade, 1990. v.1, nº. 1.

CANFIELD, Horizontina Mello **Amor ao mundo : um diálogo sobre educação com Hannah Arendt**. São Bernardo do Campo, Dissertação de Mestrado, Universidade Metodista de São Paulo, 2004

CARVALHO, Marília Gomes de **Vicissitudes da família na sociedade moderna : estudo sobre o casamento e as relações familiares**. São Paulo, USP, Fac.

de Filosofia, Letras E Ciencias Humanas Tese (Doutorado) São Paulo, 1992, 525p.

DICHTCHEKENIAN, Maria Fernanda **Um caminho para uma Psicologia transcendental.** In: FORGHIERI, Yolanda C., org. **Fenomenologia e psicologia.** São Paulo, Cortez, 1984.

SCOREL, Sarah. Exclusão social e saúde **Saúde em debate** / Centro Brasileiro de Estudos de Saúde. ;(43):38-43, jun. 1994. Londrina ISSN 0103-1104

SCOREL, Sarah. Exclusão social: fenômeno totalitário na democracia brasileira **Saúde e Sociedade / Associação Paulista de Saúde Pública.** Vol. 2(1):41-58, 1993. São Paulo ISSN 0104-1290

GAGNEBIN, Jeanne Marie Walter Benjamin ou a história aberta. In: **Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1996, p. 7-19.

GOMES, Willian. B. **A entrevista fenomenológica e o estudo da experiência consciente.** Psicologia USP, São Paulo, 1997, v.8 n2.

HERMANN, Nadja **Hermenêutica e educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LABRIOLA, Luiz Paulo. **O que podemos fazer pelas crianças?: infância, escola e responsabilidade social em Hannah Arendt.** In: COLÓQUIO DO

LEPSI IP/FE-USP, 4., 2002, São Paulo. Proceedings online... Available from: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032002000400014&lng=en&nrm=abn>. Access on: 22 Sept. 2005.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani **A pesquisa qualitativa em psicologia**. São Paulo: Moraes, 1994.

PETRINI, João Carlos Mudanças sociais e familiares na atualidade: reflexões à luz da história social e da sociologia. **Memorandum**, 8, 20-37. Retirado em 22/09 /05 , do World Wide Web:<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos08/petrini01.htm>20

SANTOS, Michele Candiani; CALDANA, Regina Helena Lima; ALVES, Zélia Maria Mendes Biasoli. **O papel masculino dos anos quarenta aos noventa: transformações no ideário**. Paidéia;11(21):57-68, 2001

STASEVSKAS, Kimy Otsuka **Travessias do feminino: Potencialidades no mundo** São Paulo, Faculdade de Saúde Pública. Tese de Doutorado, 2004.

STROMQUIST, Nelly P. Políticas públicas de Estado e Equidade de gênero: perspectivas comparativas. **Revista Brasileira de Educação**, 1996, Nº 1, Jan/Fev/Mar/Abr, p. 27-49. ISSN 1413-2478.

SZAPIRO, Ana Maria O indivíduo fora da cidade: questões à transmissão na sociedade contemporânea. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, ANO 3, N. 1, 1º sem. de 2003

SZYMANSKI, Heloia **A prática reflexiva em pesquisas com famílias de baixa renda.** São Paulo, Mimeografada, 2004.

SZYMANSKI, Heloisa. Práticas educativas familiares e o sentido da constituição identitária. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 33, Apr. 2006 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2006000100011&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Jan. 2010. doi: 10.1590/S0103-863X2006000100011.

TRINDADE, Zeidi A. As representações sociais e o cotidiano: a questão da maternidade e paternidade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 9, 535-546. 1993.

ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

I – IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE DA PESQUISA

NOME:

DOC.DE IDENTIDADE Nº. _____ SEXO: (M) (F)

DATA DE NASCIMENTO. ____/____/____

ESCOLA:

ENDEREÇO:

BAIRRO: _____ CIDADE:

CEP: _____ TELEFONE:

II - DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA

TÍTULO DA PESQUISA: Práticas educativas de pais-homens.

PESQUISADORES RESPONSÁVEIS: Profa. Dra. Heloisa Szymanski, Denio W. Cunha, CARGO/FUNÇÃO: Profa. do Programa de Estudos pós-graduados em Psicologia da Educação; Alunos do Programa de Estudos pós graduados em Psicologia da Educação

AVALIAÇÃO DO RISCO DA PESQUISA: sem risco (probabilidade que o indivíduo sofre algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo)

III –EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR SOBRE A PESQUISA

Esta pesquisa tem como objetivo compreender como se expressam as práticas educativas de pais homens. Este trabalho poderá auxiliar práticas que visem a construção de projetos futuros no âmbito da Psicologia da Educação. A participação não é obrigatória. Entretanto, seus relatos são de extrema importância para o desenvolvimento do conhecimento no âmbito da Psicologia da Educação. Fica garantindo aos sujeitos da pesquisa a confidencialidade, a privacidade e o sigilo das informações individuais obtidas. Os resultados deste estudo poderão ser publicados em artigos e/ou livros científicos ou apresentados em congressos profissionais, mas informações pessoais que possam identificar o indivíduo serão mantidas em sigilo. As entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas.

IV – ESCLARECIMENTOS DADOS PELO PESQUISADOR SOBRE GARANTIAS AO PARTICIPANTE

Ficam garantidas aos sujeitos da pesquisa:

1. O acesso, a qualquer tempo, a informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas.
2. A salvaguarda da confidencialidade, sigilo e privacidade.
3. O direito de retirar-se da pesquisa no momento em que desejar.

V – INFORMAÇÕES DE NOME, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

Profa. Dra. Heloisa Szymanski, Denio Waldo Cunha.

Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia da Educação – PUCSP

Rua Monte Alegre, 964 – Perdizes – São Paulo – Fone: (11) 3670-8527

VI – CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que, depois de convenientemente esclarecido pelo pesquisador e de ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Protocolo de Pesquisa.

S.Paulo. / /

Participante da pesquisa. E RG

Pesquisador